



ARAUTOS DO GELHO

Nº 293 - Maio 2026



*Os segredos do amor
de Maria*



Acesse já
e inscreva-se!

CURSO ON-LINE
CONSAGRAÇÃO A
NOSSA
SENHORA

INÍCIO DAS INSCRIÇÕES
20 DE ABRIL

INÍCIO DAS AULAS
11 DE MAIO

SOLENE CONSAGRAÇÃO
13 DE JUNHO

Por meio de um curso *on-line* totalmente gratuito, você poderá experimentar os encantos de ter por amiga a Mãe de Deus!

Os Arautos do Evangelho se dedicam a levar até você a oportunidade de conhecer o **método de consagração de São Luís Grignon de Montfort**, pelo qual nos tornamos escravos de amor a Jesus Cristo pelas mãos de Maria. Não existe meio mais seguro de se chegar ao coração do Filho do que guiados pelas mãos da Mãe!

Ministrado com muita didática pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, o curso consta de 27 aulas, ao término das quais se realizará a solene cerimônia de consagração. Cada aula aborda certo número de tópicos do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, com um conteúdo que nos ajuda a aprofundar no conhecimento e no amor a Nossa Senhora.

Participe conosco! **Já são mais de dois milhões de pessoas**, dos mais diferentes lugares, unidas no mesmo propósito de conhecer Maria Santíssima e se consagrar a Ela como escravos de amor.



ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXV, nº 293, Maio 2026

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

**ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 330,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 28,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteados de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
O segredo de Deus e o segredo de Maria	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
Certa dignidade infinita de Maria	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
“Não se perturbe o vosso coração!”	8
“Não vos deixarei órfãos”	9
Jesus partiu, mas nos deixou Maria	10
Escolhamos também a melhor parte!	11
O convívio das Três Pessoas Divinas	12
➔ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
Uma igreja construída com quarenta centavos... ..	13
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Abraçado por Maria	14
➔ TEMA DO MÊS – O SEGREDO DE MARIA	
Sabedoria escondida, tesouro inefável	18
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Filhos da iniciativa misericordiosa de Maria	22
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
Ave Maria, cheia de graça	25
➔ VERDADES CATÓLICAS	
Maria e a Igreja – Arquétipo do Corpo Místico de Cristo	26
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Rainha da História	28
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
A predestinação da Mãe de Deus e a nossa	31
➔ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
Eliseu e seu servo Giezi – A “recompensa” de Giezi	32
➔ VOCÊ SABIA... ..	35
➔ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Vitória ou derrota, em nossas mãos	36
➔ VIDA DOS SANTOS	
São Tiago Menor, Apóstolo e Bispo de Jerusalém – Espelho de Cristo	38
➔ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Socorro eficaz nas pequenas e grandes ocasiões	42
➔ ARAUTOS NO MUNDO	46
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Reflexão, serenidade e juízo na arte de Vermeer	50



Vatican Media

6 O louvor enternecido dos Papas a Maria



Thiago Tamura

18 Segredo de amor e misericórdia da Mãe de Deus



Francisco Lecaros

31 Escolhida desde todos os séculos



Reprodução

32 Pode ficar impune quem atenta contra o profeta?

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Como conseguimos que nossos filhos sejam santos, se nós não somos santos?

Javier Acuña Coello – Via e-mail

“Se levardes em conta nossas faltas, quem haverá de subsistir?” (Sl 129, 3). Caro Javier, quem de nós – pais, superiores, mestres etc. – ousaria, diante das pessoas sobre as quais temos responsabilidade, presumir a nossa própria santidade? Ninguém, sem dúvida!

Contudo, o fato de constatarmos que ainda não alcançamos a perfeição não nos dispensa de, seguindo o Evangelho, dar coisas boas a nossos filhos (cf. Lc 11, 13a). Tampouco isso deve levar-nos ao desânimo; pelo contrário, é preciso manter sempre a confiança: “O Pai Celestial dará o Espírito Santo àqueles que o pedirem” (Lc 11, 13b).

Nessa promessa de Nosso Senhor encontra-se toda a nossa esperança quanto à santificação de nossos filhos. Pois se é certo que o Divino Paráclito será dado a quem o pedir, e se cremos, como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, que “o Espírito Santo é a fonte e o doador de toda santidade” (CCE 749), devemos também estar convictos de que, pelas nossas preces, as graças virão em abundância para pais e filhos. Assim, a primeira e mais importante obrigação dos pais consiste na oração, sobretudo pela santificação dos filhos, confiando-os particularmente ao cuidado de Maria, a Mãe das mães.

O exemplo constitui outro elemento importante na formação dos jovens: “O papel dos pais na educação dos filhos é tão importante que é quase impossível substituí-los’. O direito e o dever de educação são primordiais e inalienáveis para os pais” (CCE 2221).

Pois bem, para que o exemplo seja possível, a condição básica é a presença... Muitas circunstâncias – como o trabalho para a sustentação da família – podem exigir ausências temporárias do pai ou da mãe, mas estes jamais devem esquecer que têm papel único na formação de seus filhos. Como é triste observar crianças tentando se comunicar sem sucesso com seus pais, enquanto estes estão alienados da realidade por causa do celular!

Santa Teresinha do Menino Jesus comentou sobre seu pai: “Bastava olhá-lo, para saber como rezam os santos” (*Manuscrito A*, 18r). Ora, os progenitores que excluem a oração cotidiana para se entregarem ao frenesi da cibernética, hábito tão frequente em nossos dias, não podem ser modelos adequados para os filhos.

Outro meio necessário à educação da prole são as correções, hoje infelizmente tidas por “ultrapassadas”, mas a respeito das quais muito insistem as Escrituras (cf. Pr 13, 24; 23, 13; 29, 15). Cabe ressaltar, porém, que elas devem ser aplicadas com sabedoria, equilíbrio e bondade, “para que os filhos não desanimem” (Col 3, 21).

Por isso, o incomparável educador São João Bosco ensina numa carta: “Quantas vezes, meus filhinhos, em minha longa vida, tive de me convencer desta grande verdade! É mais fácil encolerizar-se do que ter paciência, ameaçar uma criança do que persuadi-la. Diria mesmo que é mais cômodo, para nossa impaciência e nossa soberba, castigar os que resistem do que corrigi-los, suportando-os com firmeza e suavidade. [...] Nada de agitação de ânimo, nada de desprezo no olhar, nada de injúrias nos lábios [...]. Então sereis verdadeiros pais e conseguireis uma verdadeira correção” (*Carta*, 29/1/1883).

Acrescente-se que na família, no recíproco sacrifício de uns pelos outros, exercido pela paciência, ocorre um belíssimo processo de santificação. Como ensina o *Catecismo*, “os filhos contribuem para o crescimento de seus pais em santidade. Todos e cada um se darão, generosamente e sem se cansar, o perdão mútuo exigido pelas ofensas, querelas, injustiças e abandonos. Assim o sugere o afeto mútuo. E assim o exige a caridade de Cristo” (CCE 2227).

Dessa maneira, sem nunca desistir e com total confiança na Santíssima Virgem e em São José, modelos incomparáveis para as famílias, pais e filhos poderão caminhar juntos rumo à santidade tão almejada! ✚



*Imaculado
Coração de Maria -
Coleção particular*

Foto: Reprodução

O SEGREDO DE DEUS E O SEGREDO DE MARIA

Deus tem um segredo imenso, que se resume em um nome: Maria. Esse é o segredo pelo qual o Senhor quis realizar suas mais portentosas obras.

Nossa Senhora é o pórtico grandioso do qual jorrou todo o amor da Trindade sobre a criação. Por Ela o Verbo Eterno, em quem habita “a plenitude da divindade” (Col 2, 9), fez-Se Homem, elevando-A, pelo privilégio da Maternidade Divina, ao plano da união hipostática de modo relativo, muito acima dos Anjos e da graça. Ela estava na mente de Deus desde antes dos séculos, num só pensamento junto com Jesus Cristo, pois era inconcebível o Filho Humanado sem o mistério da Virgem Mãe.

Em função da Santíssima Virgem, Deus criou todos os seres. As estrelas e o mar, o fogo esplêndido dos querubins ou as areias sem-número dos desertos, o voo da água e os maiores atos de heroísmo: tudo isso canta, de alguma forma, as grandezas d’Aquele que é a matriz da ordem do universo. Homens e Anjos serão julgados, portanto, conforme se assemelhem a Maria; Ela é o Livro da Vida.

Mas a Mãe de Jesus é também o eixo da História. Já nos primórdios da obra dos seis dias, a prova dos Anjos consistiu em curvar-se em adoração perante Deus feito Homem, nascido de uma pura criatura humana: Maria (cf. Francisco Suárez, SJ. *De angelis*. L.V, c.6). Espíritos elevadíssimos, superiores em natureza, deveriam obedecer a uma simples mortal. Os Anjos orgulhosos se revoltaram e foram escorraçados do Paraíso. E assim, antes mesmo de existir no tempo, Nossa Senhora foi a espada que “separou a luz das trevas” (Gn 1, 4) na aurora da criação.

Eis o segredo de Deus. Eis Maria.

Mas, se esse é o segredo do Eterno, qual é o segredo de sua Filha, Mãe e Esposa? O que A tornou a bem-amada na qual o Onipotente como que “esgotou” sua capacidade criadora (cf. São Tomás de Aquino. *Suma Teológica*. I, q.25, a.6, ad 4), fazendo-A a mais perfeita e insuperável das meras criaturas?

Algo da resposta a essa pergunta encontramos na definição que Nossa Senhora deu de Si mesma: “Eis aqui a escrava do Senhor” (Lc 1, 38). Tal auge de esplendor só poderia existir numa alma que guardava o auge da humildade e da servidão.

E neste ponto surge o nosso segredo, que, como o de Deus, também se chama Maria. Só nessa posição de humildade e escravidão de amor poderemos considerar a Rainha do Universo em sua devida grandeza. Não nos conformemos com horizontes mesquinhos! Abramo-nos ao Segredo de Maria que se insinuará, ao longo das páginas desta edição, ao nosso espírito.

“Feliz”, exclama São Luís Grignon de Montfort, “e mil vezes feliz a alma à qual, aqui na terra, o Espírito Santo revela o segredo de Maria” (*O Segredo de Maria*, n.20)! ✚



Certa dignidade infinita de Maria

Cercada de tanta glória que toca na própria divindade, Maria mereceu por sua eterna eleição, perfeita fidelidade e sublime missão, o louvor enternecido dos primeiros entre seus eleitos: os Sumos Pontífices.

ELEITA ANTES DE TODOS OS SÉCULOS

A Mãe do Redentor tem um lugar bem preciso no plano da salvação. [...] Está presente, já “antes da criação do mundo”, como Aquela a quem o Pai “escolheu” para Mãe do seu Filho na Encarnação – e, conjuntamente ao Pai, escolheu-A também o Filho, confiando-A eternamente ao Espírito de santidade. Maria está unida a Cristo de um modo absolutamente especial e excepcional; e é amada neste “Filho muito amado” desde toda a eternidade.

SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris Mater, 25/3/1987

ANUNCIADA POR FIGURAS E PROFECIAS

Anunciada com anterioridade por tantas figuras, por tantas visões e vaticínios dos profetas, e esperada por tanto tempo pelos santos patriarcas, finalmente, aparecendo adornada com o brilho das virtudes e com toda sorte de graças, [Maria] livrou-nos do cativo com sua salvadora fecundidade; esmagada a cabeça da Serpente, Ela, vestida de sol, tendo a lua sob seus pés, vitoriosa e triunfante, mereceu ser coroada com uma coroa de doze estrelas e, exaltada acima dos coros

dos Anjos, ser chamada Rainha do Céu e da terra.

PAULO V.
Immense bonitatis, 27/10/1615

INCONCEBÍVEL MAIOR SANTIDADE

[Deus] admiravelmente A cumudou, mais que a todos os espíritos angélicos e todos os Santos, com a abundância de todos os carismas celestes, haurida do tesouro da divindade. Assim Ela, sempre absolutamente livre de toda mancha do pecado, toda bela e perfeita, possui uma tal plenitude de inocência e de santidade que de modo nenhum se pode conceber maior, depois de Deus, e que, fora de Deus, ninguém pode apreender por mero pensamento.

BEATO PIO IX. *Ineffabilis Deus*, 8/12/1854: DH 2800

“CHEIA DE GRAÇA”: O NOME DE MARIA

“Cheia de graça” (Lc 1, 28), o nome mais bonito, com o qual o próprio Deus Te chamou desde a eternidade. “Cheia de graça” és Tu, Maria, repleta do amor divino desde o primeiro momento da tua existência, providencialmente predestinada para ser a Mãe do Redentor,

e intimamente associada a Ele no mistério da salvação.

BENTO XVI.
Discurso, 8/12/2006

TESOUREIRA DA GRAÇA, ONIPOTÊNCIA SUPLICANTE

Com que nome te chamarei, ó cãndida pomba da paz? Com que títulos invocarei Aquela que os Santos Doutores chamaram senhora da criação, porta da vida, templo de Deus, fortaleza de luz, glória dos Céus, Santa entre os Santos, milagre dos milagres, paraíso do Altíssimo? Tu és a tesoureira das graças, a onipotência suplicante, ou melhor, a própria misericórdia de Deus que desce sobre os infelizes.

PIO XI.
Breve apostólico, 20/7/1925

COPARTICIPANTE DO PODER DE DEUS

Esta é a belíssima Ester, a quem o supremo Rei dos reis tanto amou que parece tê-La feito coparticipante, não apenas da metade do seu reino, mas, de certa forma, de todo o seu império e de todo o seu poder. Esta é aquela valente Judite, a quem Deus concedeu a vitória sobre todos os inimigos da terra. [...] Esta é aquela mística Arca da

Aliança, em que se realizaram os mistérios de nossa redenção, para que, ao vê-la, Deus Se lembre de seu pacto e não Se esqueça de suas misericórdias. Ela é como um canal celestial do qual descem as torrentes das graças divinas aos corações dos mortais. Ela é a porta dourada do Céu, pela qual confiamos entrar algum dia no descanso da bem-aventurança eterna.

BENTO XIV.
Gloriosæ Dominæ, 27/9/1748

A MAIS EXCELSA ENTRE AS CRIATURAS

A Santa Mãe de Deus, a mais pequenina e a mais excelsa entre as criaturas, vê a realidade com olhar de Deus. [...] A Mãe de Jesus é a Mulher com quem Deus, na plenitude dos tempos, escreveu a Palavra que revela o mistério. Ele não a impôs: primeiro propô-la ao seu Coração e, tendo recebido o seu “sim”, escreveu-a com amor inefável na sua carne. Assim, a esperança de Deus entrelaçou-se com a esperança de Maria.

LEÃO XIV.
Homilia, 31/12/2025

CERTA DIGNIDADE INFINITA

Deste dogma da Maternidade Divina, à maneira de um jorro de misterioso manancial, provêm a singular graça de Maria e a mais alta dignidade depois da de Deus. Mais ainda, como escreve admiravelmente o Aquinate: “a Bem-Aventurada Virgem, enquanto Mãe de Deus, possui certa dignidade infinita, pelo bem infinito que é Deus” (*Suma Teológica*. I, q.25, a.6).

PIO XI.
Lux veritatis, 25/12/1931

ASSOCIADA À OBRA DO REDENTOR

Que entendimento profundo terá havido entre Jesus e a sua Mãe? Como se poderá explorar o mistério da sua íntima união espiritual? [...] Sendo Ela, por

disposição da divina Providência, Mãe-Nutriz do Redentor, foi associada à sua obra, de maneira única, como “amiga generosa” e humilde “serva do Senhor”.

SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris Mater, 25/3/1987

MÃE DOS HOMENS NA ORDEM DA GRAÇA

Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no Templo, padecendo com Ele quando agonizava na Cruz, [a Virgem Santíssima] cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa Mãe na ordem da graça.

SÃO PAULO VI. *Lumen gentium*,
Concílio Vaticano II, 21/11/1964

TODOS OS BATIZADOS PARTICIPAM DA FÉ DE MARIA

Na base daquilo que a Igreja é desde o início, daquilo que ela deve tornar-se continuamente, de geração em geração, no seio de todas as nações da terra, encontra-se “Aquele que acreditou no cumprimento das coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor” (Lc 1, 45). [...] Todos aqueles que, de geração em geração, aceitando o testemunho apostólico da Igreja, começam a participar nessa herança misteriosa, participam, em certo sentido, na fé de Maria.

SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris Mater, 25/3/1987

MEMBRO EMINENTE DA IGREJA

[A Virgem Maria] é, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja Católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-Lhe, como a Mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

SÃO PAULO VI. *Lumen gentium*,
Concílio Vaticano II, 21/11/1964



Thiago Tamura

Deus A cumulou com a abundância de todos os carismas celestes, haurida do tesouro da divindade

“Virgen Blanca” - Coleção particular

NÃO BASTA ADMIRAR, É PRECISO GLORIFICAR!

Perante tanto esplendor de virtudes, o primeiro dever de quantos reconhecem na Mãe de Cristo o modelo da Igreja é o de, em união com Ela, render graças ao Altíssimo por ter realizado em Maria tão grandes obras em benefício da humanidade inteira. Mas não basta. É igualmente dever de todos os fiéis tributarem à fidelíssima Serva do Senhor um culto de louvor, de reconhecimento e de amor, uma vez que, segundo a sábia e suave disposição divina, o seu livre consentimento e a sua generosa cooperação nos desígnios de Deus tiveram e continuam a ter uma grande influência na realização da salvação humana.

SÃO PAULO VI.
Signum magnum, 13/5/1967



“Não se perturbe o vosso coração!”



✠ Pe. Louis Goyard, EP

*Na hora
suprema da
despedida,
Nosso Senhor
faz uma
revelação
profundíssima
e misteriosa,
própria a
encher-nos
de confiança*

São João é o único Evangelista que se detém no sermão proferido por Nosso Senhor na Última Ceia, imediatamente antes de Se dirigir ao Horto das Oliveiras, lugar de sua detenção. O Evangelho deste domingo recolhe o início desse sermão, no qual o Divino Mestre procura incutir confiança e firmeza nos discípulos que, em breve, seriam flagelados pela contradição e pelo desmentido.

Respondendo ao Apóstolo Tomé, Jesus revela-Se numa síntese que iluminará os séculos: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Com efeito, as multidões tinham visto n’Ele um rabi ou um grande profeta; alguns até mesmo O chamaram de Messias. Como estavam longe, porém, de inferir ser Ele o próprio Verbo Encarnado!

Nimbada em mistérios, a nova revelação é aprofundada por Nosso Senhor nos versículos seguintes, sem, contudo, retirar-lhe por inteiro os véus. Somente após Pentecostes, os Apóstolos descobrirão toda a profundidade daquela mensagem.

Ele Se revela “Caminho” e, depois, acrescenta: “Eu estou no Pai e o Pai está em Mim” (Jo 14, 11). Todos os ensinamentos de Jesus apontavam para a santidade como meio de alcançar o convívio com o Pai na vida eterna. Entretanto, o Pai, puro espírito, é invisível aos olhos humanos... Como chegar até Ele? Precisamente para isso Se encarnou o Verbo:

estando o Pai n’Ele, Ele torna visível o Pai. Assim, o “Caminho” consiste em imitar, em tudo, o exemplo dado por Nosso Senhor: trata-se, em suma, de sobrepor os próprios pés nas pegadas d’Ele.

A seguir, o Redentor revela-Se “Verdade” e explica: “As palavras que Eu vos digo, não as digo por Mim mesmo, mas é o Pai, que, permanecendo em Mim, realiza as suas obras” (Jo 14, 10). O Filho é a Palavra do Pai, incapaz de mentir. Portanto, o que diz é Verdade absoluta, indubitável, da qual emanam todas as ações realmente boas.

Finalmente, Ele Se revela “Vida” e conclui: “Quem acredita em Mim fará as obras que Eu faço, e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14, 12). Com efeito, nenhuma obra é eficaz sem a graça, participação na própria vida de Deus. E essa Vida perfeitíssima, infinita, eterna, o Espírito Santo a infunde em nós precisamente para realizarmos as suas obras. Contudo, essa divinização pela graça perde-se pelo pecado mortal, o qual literalmente exclui a Vida de nós.

Ora, não fomos feitos para a morte, mas para a vida eterna, formando um edifício espiritual do qual devemos ser pedras vivas, segundo expressão de São Pedro (cf. I Pd 2, 5). Condição para isso é jamais perder o estado de graça, a própria Vida em nós; aderir sempre pela fé às palavras da Verdade; e imitar o Redentor no Caminho que traçou: carregar a Cruz de cada dia, morrer para o mundo e para si mesmo, conquistar a santidade!

Nenhuma outra mensagem poderia trazer-nos mais confiança no meio das aflições que padecemos nesta terra, desde que nossos olhos estejam postos no “lugar” que Nosso Senhor prepara para nós (cf. Jo 14, 2). E por essa razão Ele afirma: “Não se perturbe o vosso coração” (Jo 14, 1)! ✠

“Última Ceia”, por Giotto di Bondone - Antiga Pinacoteca, Munique (Alemanha)





“Não vos deixarei órfãos”

✚ Pe. Hernán Luis Cosp Bareiro, EP



Certos autores denominam o texto recolhido pela Liturgia de hoje como “quinta-essência do Evangelho”, tal a sua profundidade e riqueza de significado. Pouco antes, o Salvador havia instituído os Apóstolos como sacerdotes, entregando-lhes seu próprio Corpo e Sangue, como sinal de aliança. Em seguida, manifesta-Se com especial bondade, pois a hora de partir para o Pai havia chegado. Mas Ele deixaria órfãos os seus filhos?

Mais do que doutrinas, o Divino Mestre revela incondicional dileção pelos discípulos. De fato, quando se ama muito a alguém, busca-se sempre a sua presença; o mais dilacerante numa amizade é o afastamento das pessoas, razão pela qual as despedidas costumam ser muito marcantes...

Embora de divina natureza, Jesus era também *homem perfeito*,¹ atuando humanamente em tudo, exceto no pecado (cf. Hb 4, 15). Por isso, no discurso de partida Ele expressa os melhores anseios para com os discípulos. Além disso, conhecendo a fraqueza e a debilidade de cada um, não apenas Se despede com emotivas palavras, mas promete-lhes algo que só Deus poderia excogitar: “Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós” (Jo 14, 18).

Jesus jamais deixaria órfãos os seus filhos, mas ao mesmo tempo era preciso partir. Como Ele “resolve” esse dilema? Através do Defensor, o Espírito Santo, que permanecerá não só *junto* aos discípulos, como também *dentro* deles (cf. Jo 14, 17). E nisso está a essência da vida mística: a presença de Deus em nosso interior.

Prova da realização dessa promessa encontra-se na primeira leitura (cf. At 8, 5-8.14-17). Os samaritanos, que havia pouco tinham acolhido a Palavra de Deus, receberam então o Paráclito, pela imposição das mãos de Pedro e João. Era um verdadeiro novo Pentecostes!

Ora, dois mil anos se passaram e hoje tal promessa permanece em nós pelo Espírito de adoção dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 15). Para dela nos beneficiarmos, é preciso antes de tudo uma ação

interior: “santificar em nossos corações o Senhor Jesus Cristo” (cf. I Pd 3, 15). Essa santificação se torna efetiva pela caridade, “vínculo de perfeição” (Col 3, 14), a qual consiste, antes de tudo, em cumprir o que Cristo preceitua: “Se Me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14, 15); “Quem acolheu os meus mandamentos e os observa, esse Me ama” (Jo 14, 21). Somente se observarmos as suas palavras é que o Espírito da Verdade poderá habitar em cada um de nós. Assim, não viveremos na orfandade: seremos realmente filhos. E o somos!

Com insondável e infinita bondade, Deus quis ir ainda mais longe nessa promessa de sua presença como Pai: nos legou o incansável amparo de uma Mãe. Confiemos na proteção d’Aquele que sempre nos ajudará, rogando que guarde o nosso inestimável tesouro da filiação divina e que, se tivermos a desgraça de perdê-lo pelo pecado, obtenha-nos a reconciliação pelo Sacramento da Confissão. E assim poderemos exclamar com o salmista: “Todos vós que a Deus temeis, vinde escutar: vou contar-vos todo bem que Ele me fez!” (Sl 65, 16). Ele é meu Pai, Maria é minha Mãe; jamais serei abandonado! ✚

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.2, a.5, ad 2.

São Pedro e São João impõem as mãos sobre os samaritanos, por Willem Vrelant - Getty Center, Los Angeles (Estados Unidos)

Reprodução

A promessa do Redentor permanece firme: se observarmos suas palavras, Ele jamais nos abandonará



Jesus partiu, mas nos deixou Maria



✠ Pe. Cyril Avinash, EP

Como Nosso Senhor cumpre a promessa de permanecer com os seus até ao fim dos tempos?

A expressão francesa “*Partir, c’est mourir un peu*”¹ ecoa com especial intensidade ao refletirmos sobre o significado das despedidas em diferentes contextos da vida. As viagens, por exemplo, são precedidas por preparação cuidadosa que culmina em separação. Nessas ocasiões, as últimas palavras ganham peso ainda maior, sobretudo quando se desconhece a data de retorno.

Pois bem, na Solenidade de hoje somos convidados a meditar sobre a partida de Nosso Senhor. Ele Se prepara para uma “viagem” sem data de regresso: a Ascensão. Virá uma segunda vez, é verdade, mas, “quanto ao dia e à hora, ninguém sabe” (Mt 24, 36).

Entre as figuras centrais desse episódio está Maria Santíssima, que testemunhara os inenarráveis padecimentos de Jesus na Paixão e agora O contempla ressuscitado, prestes a receber a sua glorificação terrena. Como terá sido a despedida entre Mãe e Filho? Que palavras terão trocado num momento tão íntimo e, ao mesmo tempo, tão grandioso?

A primeira leitura descreve os discípulos reunidos para a última refeição com o Mestre (cf. At 1, 4). Ele os encoraja, promete enviar o Espírito Santo e confia-lhes a missão de serem suas testemunhas “até aos confins da terra” (At 1, 8). Ordena que preguem e batizem todos os povos, assegurando-lhes que estará presente entre eles até ao fim dos tempos (cf. Mt 28, 20).

Após esse momento solene, Nosso Senhor é elevado à morada celeste. Em seguida, dois Anjos reafirmam a esperança do seu regresso: “Este mesmo Jesus que vos foi levado para o Céu, virá do mesmo modo como O vistes partir para o Céu” (At 1, 11). Mas como Ele cumpre a promessa de sua perpétua presença? Através de Maria Santíssima.

Pode-se afirmar, pois, que a preparação para Pentecostes se iniciou pela ação de Nossa Senhora. A partir do dia da Ascensão, Ela assumiu a missão de predispor o coração dos discípulos que, naquele momento, estavam ainda inseridos em dois lamentáveis grupos: os que duvidavam (cf. Mt 28, 17) e os que insistiam na mera restauração política do “reino em Israel” (At 1, 6).

Assim, cabe perguntar: quais teriam sido os frutos de Pentecostes sem a mediação de Maria? Canal privilegiado da Encarnação, Ela assumiu o encargo primordial não apenas de dispor os discípulos à digna recepção do Espírito Santo, mas também os preparou para a grande tarefa da evangelização. A Mãe da Igreja soube santificar os Apóstolos para a missão que os aguardava. A partir de então, a História da salvação passou a ser escrita, além da ação direta de Nosso Senhor e do Espírito Santo, pela intercessão da Mãe de Deus e nossa.

Diante desse mistério, é oportuno refletir: ponho meu progresso espiritual nas mãos de Nossa Senhora, confiando em sua intercessão e sabedoria, ou tento construir a minha santificação com base em critérios puramente humanos, como tantas vezes fizeram os próprios Apóstolos antes de Pentecostes? Que a experiência da Ascensão e de Pentecostes nos inspire a confiar mais plenamente na Esposa do Espírito Santo, e assim possa Ela nos sustentar até o encontro definitivo com Cristo no Reino dos Céus. ✠



Francisco Lecaros

“Ascensão”, por Pedro Serra - Basílica Colegiada de Santa Maria da Aurora, Manresa (Espanha)

¹ Do francês: “Partir é morrer um pouco”.

Escolhamos também a melhor parte!



Pe. Marcelo Javier Pérez Wheelock, EP

Em sua autobiografia, Santa Teresinha do Menino Jesus narra que, passando por certa perplexidade para encontrar paz interior, decidiu compulsar as epístolas paulinas. Casualmente, caiu-lhe sob os olhos os capítulos doze e treze da Primeira Carta aos Coríntios e mais especialmente um dos trechos recolhido pela segunda leitura de hoje: “Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo” (I Cor 12, 12). Concluiu que “não pode faltar o membro necessário e o mais nobre”, e por isso “a Igreja tem um coração e este coração está inflamado de amor”. Por fim, exultante de alegria, exclamou: “Encontrei o meu lugar na Igreja. [...] No coração da Igreja, [...] eu serei o amor”¹.

Assim como o coração sustenta interiormente a vida corporal, assim também o Espírito Santo vivifica, une e move, por um influxo escondido, a Igreja.² Nesse sentido, bem se poderiam aplicar à Santa de Lisieux as palavras de Nosso Senhor pronunciadas em Betânia: Teresinha “escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada” (Lc 10, 42).

Na Missa da Vigília de Pentecostes é-nos apresentado um dos maiores pecados narrados no Gênesis: a arrogância da Torre de Babel. Os homens levaram o orgulho a tal ápice que quiseram se igualar a Deus, ao pretender atingir os céus. Como castigo, o Senhor confundiu as línguas, provocando dispersão por toda a terra (cf. Gn 11, 4-8).

Em contraposição, a primeira leitura da Missa do Dia narra a descida do Paráclito sobre os Apóstolos em línguas de fogo. Em seguida, eles “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava” (At 2, 4), mas todos os escutavam anunciarem as maravilhas de Deus nos seus próprios idiomas (cf. At 2, 11).

Apesar da diversidade de línguas, todos se entendiam, pois falavam um idioma universal... a linguagem do Espírito Santo! Por isso, o Apóstolo ensina que na Igreja “há diversidade de dons, mas um

mesmo é o Espírito. Há diversidade de ministérios, mas um mesmo é o Senhor” (I Cor 12, 4-5).

A Liturgia da Solenidade de Pentecostes nos indica, pois, dois conjuntos de pessoas com atitudes interiores opostas: os construtores da Torre de Babel, orgulhosos, seguros de si e, em consequência, incapazes de pedir perdão; e os discípulos que, tendo reconhecido com humildade as próprias lacunas e misérias, receberam o Espírito Santo e ainda se tornaram aptos a conceder o perdão (cf. Jo 20, 22-23).

A humanidade hodierna, confusa de mente e corrompida de coração, como nos tempos da soberba babilônica, necessita implorar um grande perdão. Mais do que nunca, a face da terra encontra-se conspurcada, seca e escura pela “torre” de pecados. Precisa, portanto, ser lavada, regada e iluminada pelo Espírito Consolador.

Devemos, pois, fazer uma escolha: ou optamos pela via de Babel, ou pela via de Pentecostes. Não há terceira opção. Imploremos a Maria Santíssima, Esposa do Divino Espírito Santo, que nos conceda um coração manso e humilde, semelhante ao Coração de Jesus, e nos auxilie a escolher a melhor parte! ✠

Não há terceira via. Ou optamos pela via de Babel, ou pela via de Pentecostes



“Pentecostes” - Igreja do Espírito Santo, Bérghamo (Itália)

¹ SANTA TERESA DE LISIEUX. *Manuscrito B*, 3v.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.8, a.1, ad 3.

O convívio das Três Pessoas Divinas



Pe. Ramón Ángel Pereira Veiga, EP

A Solenidade da Santíssima Trindade recorda-nos a sublime realidade pela qual os batizados se tornam “deuses” (cf. Jo 10, 34-36). Altíssimo mistério de nossa Fé, a inabitação trinitária significa que as Três Pessoas Divinas habitam realmente em nós.

Tão elevado aspecto da vida espiritual não pode ser vulgarizado no trato com Deus. Por isso Moisés, após experimentar a grandeza do divino, prostrou-se por terra e O adorou (cf. Ex 34, 8-9), como narra a segunda leitura de hoje.

Essa postura de reverência estará presente na piedade dos autênticos heróis da Fé em toda a História. Quando o Menino Deus, tão terno, manifestar-Se ao mundo, os Reis Magos repetirão o gesto de Moisés na adoração. O próprio Cristo, durante a oração no Horto das Oliveiras, dirigir-Se-á ao Eterno Pai prostrando-Se em oração diante d’Ele.

Quantos Santos, através dos séculos, também se sentirão compelidos a lançarem-se por terra! Até os pastorinhos de Fátima o farão, em atitude de adoração, quando o Anjo lhes mostrar o fulgor da presença de Deus na Eucaristia. Em suma, essa é a atitude imediata da alma humana ante a arrebatadora e irresistível presença da Divindade.

De outra parte, em Lourdes a Mãe de Deus, encantada com a alma pura de Bernadette, trata-a com grande consideração, saudando-a com belas reverências, amável sorriso e profundo respeito. Assim Se dirige Nossa Senhora a uma camponesa inculta, mas santa.¹

Ora, essas considerações podem se resumir no termo *sacralidade*, que, na prática, faz-nos participar das alegrias do relacionamento entre as Três Pessoas Divinas: “Encontrava minhas delícias entre os homens” (Pr 8, 31). Trata-se da felicidade que tem o inferior de, sentindo-se pequeno, homenagear, respeitar, obedecer e honrar quem está acima.

Quão diferente é esse convívio de certas “espiritualidades” ou “liturgias” que trivializam o sagrado, até fazê-lo desaparecer! Tais desvios transparecem, por exemplo, no trato vulgar com Deus, nas celebrações descuidadas e inclusive na perda do sentido do sagrado nas relações cotidianas. Tudo isso acaba por rarefazer o contato com o excelso mistério da inabitação trinitária em nós.

O respeito perante o sagrado se traduziu ao longo dos séculos pela tradição litúrgica e por sua riqueza em expressar o culto divino mediante reverências, genuflexões e prostrações, aformosadas pelo órgão, pelo gregoriano, pela polifonia, proporcionando o esplendor típico da celebração sacramental.

Como tais realidades externas nos ajudam a compenetrarmo-nos de que somos portadores deste altíssimo mistério: Deus Pai, Filho

e Espírito Santo vivem em nós! ✠



Santíssima Trindade - Catedral de Colônia (Alemanha)

¹ Cf. WERFEL, Franz. *A canção de Bernadette*. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2020, p.93-94.

*Elevar,
embelezar,
sacralizar:
eis os efeitos
do amor
trinitário em
nossas almas*

UMA IGREJA CONSTRUÍDA COM QUARENTA CENTAVOS...

Ao contemplar as virtudes de São João Bosco, uma nos chama especial atenção: a confiança praticada eximamente ao longo da vida, sobretudo em assuntos relacionados à Congregação Salesiana. Muitas vezes, de fato, o socorro divino parecia tardar demais... submetendo-o a duras provas.

“Nossa igreja é muito pequena, comporta apenas a metade de nossos jovens. Vamos construir outra maior e mais bela, aonde virão gerações e gerações para rogar favores à Virgem Santíssima!”, exclamou entusiasmado, certo dia, Dom Bosco. O Pe. Paolo Albera, que anos depois viria a ser o segundo sucessor do fundador, fitou-o surpreso, pois sabia que a saúde de seu pai espiritual já estava debilitada e que as condições econômicas da congregação, como de costume, beiravam a mendicância. Intuíva também, é verdade, que os desejos daquele homem de Deus eram sempre atendidos, mas... não seria, desta vez, um propósito ousado demais?

Passado certo tempo, contra toda expectativa, o projeto da nova igreja foi aprovado e, em fins de abril de 1864, a pedra fundamental pôde ser assentada. Dom Bosco exultou de alegria na ocasião. Aproximou-se do mestre de obras, a quem prometera adiantar uma parte do orçamento, e o saudou: “Parabéns pelo trabalho! Hoje é um grande dia! Vou dar-te o prometido. Não é muito, mas prometo que é tudo o que tenho”.

Enquanto isso, retirou lentamente de seu bolso algumas moedas...

que somavam quarenta centavos. “Fique tranquilo! Esta é a minha parte”, explicou o Santo, “mas a *Madonna*¹ enviará o restante, que é a parte d’Ela, para pagar a Igreja. Eu serei apenas o caixa”.

“Dom Bosco é um temerário, não tem bom senso! Quebrará! Acabar-se-á na cadeia!”, murmuravam alguns circunstantes. Ele, porém, com seu típico sorriso de inteira confiança em Deus, respondeu: “Não temas! É necessário que comecemos; depois, Deus nos ajudará. Já vereis como o dinheiro vem sozinho. Sou apenas o caixa de Nossa Senhora. Se eu for para a cadeia, não será minha honra que estará em jogo, mas a d’Ela...”

Segundo narrou Dom Bosco, diversas pessoas de todos os quadrantes da Itália e até de Viena, Paris, Londres e Berlim, tendo feito promessas à Auxiliadora dos cristãos e sido atendidas, não tardaram em demonstrar gratidão com donativos para a construção da igreja salesiana. Assim, podia ele assegurar que cada recanto e cada pedra do santuário recordavam um benefício da Rainha dos Céus.

Esse episódio nos brinda com uma grande lição.

Como reagimos às perplexidades surgidas em nossas vidas? Esmorecemos ou confiamos diligentemente n’Aquele a cujo império estão submetidas todas as coisas abaixo de Deus?

Em circunstâncias adversas, lembremo-nos do exemplo dado por São João Bosco e peçamos que ele nos obtenha a graça da confiança inabalável na Auxiliadora dos cristãos, à maneira de uma criancinha nos braços da mãe, certos de que Ela completará todas as nossas “contas” a pagar, na terra e no Céu. ✚

¹ Forma usada comumente pelos italianos para se dirigir a Nossa Senhora.



Zairon (CC-BY-SA 4.0)



Luis Zaghi

Como reagiremos às perplexidades surgidas em nossas vidas? Esmoreceremos ou confiaremos?

Basilica Nossa Senhora Auxiliadora, Turim (Itália); à direita, São João Bosco



Abraçado por Maria

Haverá um momento no qual a Opinião Pública, unida a Nossa Senhora, experimentará o amor gratuito, envolvente e inesgotável d'Aquela que será a Rainha efetiva dos séculos futuros.

✦ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Em sua primeira epístola, escrita já na ancianidade, São João Evangelista conclama seus discípulos a permanecerem em Nosso Senhor Jesus Cristo mediante a observância dos Mandamentos, em particular o amor a Deus e ao próximo. E, para a isso mover seus “filhinhos” (I Jo 2, 1), o outrora denominado “filho do trovão” (cf. Mc 3, 17), por causa de seu impetuoso temperamento, apresentalhes um argumento muito simples: “Amemos, porque Ele nos amou primeiro” (I Jo 4, 19).

Nessas poucas palavras se encerra uma altíssima verdade teológica: se o preceito máximo consiste em amar o Senhor de todo o coração (cf. Mt 22, 37-38), o dom mais precioso, entretanto, está em ser por Ele amado. Sim, em relação a Deus importa mais ser amado do que amar pois, segundo afirma São Tomás de Aquino, o amor divino é tão eficaz que “infunde e cria a bondade” nos seres sobre os quais incide. Deste amor decorre, portanto, o bem que há em nós e qualquer ato de virtude que possamos praticar.

Ora, guardadas as devidas proporções entre Criador e criatura, algo análogo se passa com Nossa Senhora, cuja efusão de amor para conosco é um transbordamento do Amor infinito que é Deus (cf. I Jo 4, 8). A Santíssima Virgem ama com doçura indizível

a cada um de nós, seus filhos, antes mesmo de nos voltarmos para Ela, e Se antecipa em preparar nossos caminhos, conceder-nos os dons naturais e sobrenaturais necessários ao cumprimento de nossa vocação e nos obter torrentes de graças.

No meu caso concreto, senti sobre mim essa proteção, amparo e carinho materno de Maria desde muito cedo, como se, ainda nas despreocupações do berço, a fisionomia da Rainha do Universo houvesse surgido com cintilações indizíveis ante meus olhos maravilhados, fazendo raiar a aurora de um entranhado relacionamento com Ela. Mais tarde, quando tomei os primeiros contatos com Nossa Senhora após o uso da razão, tive a impressão de encontrar-me com alguém que já me conhecia e amava.

Ser objeto desse amor marial inteiramente gratuito e sôfrego por ajudar, anterior a qualquer ato de amor de minha parte, atraiu-me de maneira irresistível ao longo de toda a vida e fez meu coração transbordar de afeto e reconhecimento.

Maria não tem limites na largueza de seu amor. Quando já nos maravilhou com sua maternalidade a ponto de pensarmos que só na eternidade nos deleitaremos com afagos maiores, surpreende-nos com novas dádivas, que por pouco nos fariam esquecer as

anteriores, não fossem elas, muitas vezes, corolários umas das outras. Essa é a via reservada para aqueles que, a despeito de suas misérias, deixam-se embalar confiadamente nos braços d'Ela como frágeis crianças no colo de sua amorosa Mãe.

Eis o tema que desejo desenvolver nestas linhas: a maior demonstração do amor de Nossa Senhora por mim, para a qual, convém ressaltar, não considere haver concorrido mérito algum de minha parte.

Durante o Sacramento da misericórdia...

Em julho de 2008 realizar-se-ia o retiro anual dos sacerdotes da Sociedade de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli, da qual eu era, além de fundador, o Superior-Geral. Atendendo, entretanto, às fervorosas instâncias de filhos e filhas espirituais, concordei em facultar a participação a todos os Arautos do Evangelho dos setores masculino e feminino que o desejassem. Mais de mil pessoas confirmaram sua presença, o que obrigou a promover esse período de recolhimento na então Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje basílica menor, situada no complexo denominado Thabor.

Tal situação contrariava os costumes da instituição, tendente a organizar seus retiros com um número



Nossa Senhora aproveitou-Se das circunstâncias de um retiro para conceder a Mons. João a maior graça de sua vida em matéria de experiência mística

Aspecto do retiro na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em julho de 2008; em destaque, Mons. João na mesma ocasião, durante uma das pregações

Carlos Augusto Leal

relativamente reduzido de participantes, e não deixou de me causar certa preocupação. Todavia, com a ajuda de Nossa Senhora a arriscada experiência foi bem-sucedida. Arautos das mais variadas idades acompanhavam com naturalidade as meditações, que versaram fundamentalmente sobre a virtude da humildade.

Contudo, um inconveniente se apresentava: sendo o retiro originariamente destinado aos sacerdotes, não tinha propósito tirá-los de seu recolhimento para atender as Confissões gerais daquela multidão, que, segundo o esquema inaciano, deveriam ocorrer logo nos primeiros dias. Optou-se então por recomendar a todos que preparassem no momento apropriado seus exames de consciência, mas os conservassem até o último dia, o qual, após a meditação matutina de encerramento, seria dedicado à administração do Sacramento da Penitência para quem o desejasse.

Assim, no dia 12 de julho de 2008 pela manhã, os numerosos sacerdotes presentes ocuparam todos os confessionários, capelas e salas disponíveis, a fim de conceder a absolvição sacramental a seus irmãos de vocação. Durante o retiro eu também havia recebido diversos pedidos para ouvir a

Confissão de alguns filhos e filhas. Porém, quando me dispus a atendê-los, não restava outro local público e discreto mais apropriado que o espaço entre o tabernáculo e o altar da igreja, onde coloquei uma cadeira para mim e um genuflexório para os penitentes. Nossa Senhora aproveitaria essas circunstâncias para conceder-me a maior graça de minha vida em matéria de experiência mística.

...a mais alta manifestação sensível da misericórdia de Maria

A Basílica Nossa Senhora do Rosário está presidida por uma expressiva imagem da Virgem de Fátima com o Imaculado Coração exposto, tal como Ela Se manifestou em uma das aparições na Cova da Iria. Encontrava-me a meio metro do sacrário e a pouco mais de um metro dessa reprodução.

O ambiente criado pelas Confissões era propício para um exame de consciência e, enquanto ouvia um dos penitentes, condei-me por julgar que, ao longo das exposições do retiro, não havia me referido tanto quanto deveria a Maria Santíssima. Nesse instante soaram pelos alto-falantes do recinto sagrado os acordes do hino gregoriano *Rosa Carmeli*, trazendo-me à mente o primeiro encontro com Dr. Plínio

Corrêa de Oliveira na Basílica do Carmo, em São Paulo.²

Esta lembrança veio acompanhada pela ideia do incomensurável amor da mais terna das mães pelo Menino Jesus, quando O carregava ao colo, e de quão extraordinário deveria ser, não só para o Divino Filho d'Ela como também para qualquer um que porventura recebesse essa graça, repousar assim em seus braços. A despeito da consideração das próprias misérias, tinha grande vontade de elevar o olhar em direção a Nossa Senhora, que tão perto estava, mas num primeiro momento preferi mantê-lo recolhido durante a Confissão.

Afinal, cedendo a esse filial impulso voltei-me para a imagem e, de repente, alhei-me por completo da realidade concreta, como se estivesse fora de mim e do ambiente que me circundava. Senti-me então fisicamente nos braços de Nossa Senhora, com a fronte apoiada no ombro e na face d'Ela – e afirmo isto com extremos de respeito e sem ousar fazer qualquer absurda comparação –, como o Menino Jesus aparece nas imagens da invocação *Sedes Sapientiae*. E Maria me acariciava com suas mãos virginais. Ela não me disse nada, mas... ser afagado e estreitado pela Rainha do Céu e da terra... O que mais desejar?



Maurício Reis

“Senti-me então fisicamente nos braços de Nossa Senhora, com a frente apoiada no ombro e na face d’Ela, como o Menino Jesus aparece nas imagens da invocação ‘Sedes Sapientiae’”

Local onde Mons. João atendeu as Confissões durante o retiro

A experiência também abrangia o sentido da visão, de forma que eu via Nossa Senhora mais ou menos como a mencionada imagem de Fátima A representa. Contudo, a tal ponto o abraço era corporalmente sensível e cogente, que não consegui fixar com exatidão seus traços fisionômicos na memória. Absorto naquele “céu”, não tomei qualquer atitude; apenas me deixei abraçar por minha Mãe. Um caudal de consolação apoderou-se de mim, como nunca antes na vida, levando-me a verter abundantes lágrimas.

Embora o fenômeno tenha ocorrido durante a audição de uma Confissão, o penitente nada percebeu. Quiçá a Providência assim haja disposto para que, receoso de que quem declinava suas faltas no Santo Tribunal da Penitência julgasse que chorava por causa de seus pecados, eu fosse obrigado a controlar-me um tanto. Se estivesse sozinho, o que poderia acontecer? Talvez viesse a morrer, pois ensina São Tomás³ que nesta vida não é possível ao homem desfrutar da bem-aventurança plena.

Deixemo-nos amar por Nossa Senhora

A narração desse episódio traz à lembrança o significado da palavra *misericórdia*, isto é, amor ao miserável, sublime mistério diametralmente oposto ao mistério da iniquidade. Quando Nossa Senhora ama alguém por uma predileção gratuita de seu Coração, basta que a pessoa se deixe levar!

Devemos ter uma confiança absoluta no Salvador e em sua Mãe Santíssima. Nosso Senhor não nos ama em razão de algum bem que exista em nós, mas porque, vendo nosso nada, sente a necessidade de aí infundir o Bem que Ele é em essência. Quando encontra um miserável, o Coração de Jesus geme de desejo de auxiliá-lo, pois com esse objetivo foi criado e somente assim pode demonstrar a superabundância de seu amor. Guardadas as devidas proporções, o mesmo se passa com a Santíssima Virgem. Como haveria de ser diferente se o Coração d’Ela, segundo a feliz expressão de São João Eudes,⁴ é um com o Coração de Jesus?

Fui “vítima” desse amor ao ser abraçado por Nossa Senhora... Falo, portanto, com conhecimento de causa. E compreendi melhor essa realidade quando, em 2010, sofri um acidente vascular cerebral que significou uma enorme girada em minha vida e deu início a longos anos de padecimentos físicos e morais. Em meio a essa verdadeira *via crucis*, posso afirmar que o amor de Maria manifestado naquele abraço sempre me sustentou, até nas horas de maior aridez.

Como, porém, incutir nas almas o entusiasmo por esse amor que, para quem o experimentou, é algo tão natural? Observando as pessoas com as quais tomo contato no exercício do ministério,

com frequência me vem ao espírito o seguinte pensamento: “Se este, aquele e aquele outro soubessem o quanto Nosso Senhor e Nossa Senhora os querem, se tornariam grandes santos!” A dificuldade está em julgarmos o amor de Jesus e Maria por nós segundo os critérios humanos a que nos acostumamos, ou seja, em função de nossa correspondência e de nossos méritos.

Na realidade, o que Deus espera para nos cumular com seu amor? Em primeiro lugar, a simplicidade, virtude muitas vezes ignorada. Quando o Todo-Poderoso quer deixar-Se vencer por alguém, Ele o faz pela simplicidade; foi assim que Nossa Senhora O “venceu”. Tornarmo-nos pequeninos diante do Altíssimo e de sua Mãe nos traz esse prêmio insuperável.

Quantas vezes nos queixamos de aridez espirituais e falta de estímulo interior para a prática da virtude. Nesses momentos, é o caso de nos perguntarmos: “Estou me fazendo pequeno?” O relacionamento com nossa Soberana e a compreensão a respeito d’Ela só

desabrocharão a partir dessa atitude de alma incentivada pelo Divino Mestre no Evangelho (cf. Mt 18, 3).

Nossa Senhora quer abraçar a humanidade no Reino de Maria

Como conclusão desses pensamentos, desejo externar ao leitor meu anseio de que o abraço recebido em 2008 se estenda a incontáveis pessoas, pois acredito ter sido ele o anúncio de outros e o penhor de um novo regime de graças que Nossa Senhora quer obter para a humanidade.

Para mim, o abraço que recebi de Nossa Senhora no dia 12 de julho de 2008 significou exatamente isto: a Rainha do Universo abriu-me as portas do Reino de Maria. Em que sentido? Poder-se-ia dizer que essa era marial, em seu aspecto mais alto, consistirá num abraço d'Ela a todos os seus filhos.

Sim, pois a mística não constitui um privilégio dos grandes contemplativos ou de alguns poucos chamados a uma via excepcional, tal como uma concepção deformada da espiritualidade, que venceu em tantas almas e ambientes, levaria a pensar. O caminho ordinário da santidade comporta tanto a ascese, assistida pelas graças cooperantes, que exigem nosso esforço, quanto a mística, caracterizada por graças eficazes e sensíveis, as quais nos fazem experimentar no fundo da alma quem é Deus.

Desse modo, todos aqueles que, por bondade gratuita, foram escolhidos para contemplar o Reino de Maria, deverão ser favorecidos com graças místicas de altíssimo quilate, pois só assim essa grandiosa época histórica dará os frutos profetizados por tantos Santos, para a maior glória a Deus.

Por isso, abrigo no coração a certeza de que haverá um momento no qual a Opinião Pública devotada à Santa Igreja e, portanto, devidamente unida a Maria Santíssima, experimentará

por uma especial ação de Deus o amor gratuito, envolvente e inesgotável d'Aquela que será a Rainha efetiva dos séculos futuros. Numa palavra, dia virá, e não está longe, que Maria abraçará seus filhos fiéis, como teve a bondade de me abraçar.

Eis uma promessa que, apoiado no que a graça sopra em meu interior, faço aos que leem estas linhas: “Se fordes



“Se vos deixardes amar por Ela, vós sereis abraçados como eu fui um dia!”

Nossa Senhora Sede da Sabedoria -
Coleção particular

verdadeiros filhos de Nossa Senhora, ou seja, se vos deixardes amar por Ela, vós sereis abraçados como eu fui um dia!” E esse abraço nos preparará para o abraço eterno que Ela nos dará no Céu quando, não por nossos méritos mas por sua misericórdia, lá chegarmos.

Insensatos são aqueles que abandonam o maternal manto de Maria para

se refocilar com as bolotas dos porcos no mundo paganizado e revolucionário de nossos dias, que ameaça desabar a qualquer momento. Insensatos, sim, porque estar sob a égide desse manto sagrado significa sinal de predestinação e garantia de muitas graças. Saibamos, abrigados nele, esperar os grandes acontecimentos que se vislumbram no horizonte!

Tais acontecimentos nos trarão os tempos benditos nos quais, como nunca na História alguém foi capaz de fazer, com exceção de São José, a humanidade penetrará na compreensão amorosa da pessoa da Santíssima Virgem, de seu espírito, de sua mentalidade e de sua missão.

De nossa parte, cabe nos empenharmos para entrar nesse *Hortus Conclusus*, jardim fechado que somente Ela pode nos abrir, e assim correspondermos ao desejo que nossa Mãe tem de ser conhecida e amada com um amor perfeito. Quando esse jardim for aberto, o Céu se unirá à terra, os infernos estarão derrotados, e os Anjos se juntarão aos homens para cantar: “Glória a Maria no seu Reino, pois seu Imaculado Coração triunfou!” ✠

Extraído, com adaptações, de:
Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens.

São Paulo:
Arautos do Evangelho,
2019, v.I, p.31-33; 153-181

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.20, a.2.

² Nota da Redação: encontro ocorrido a 7 de julho de 1956, marco na entrega de Mons. João ao serviço da Santa Igreja.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., I-II, q.5, a.3.

⁴ Cf. SÃO JOÃO EUDES. *The Sacred Heart of Jesus*. Fitzwilliam: Loreto, 2004, p.108-110.

Sabedoria escondida, tesouro inefável

De todos os bem-aventurados, Nossa Senhora é a mais próxima de nós, e no relacionamento espiritual com Ela oculta-se um preciosíssimo segredo...



✦ Bruna Almeida Piva

Obra-prima da criação, Maria Santíssima foi favorecida por Deus com uma perfeição tão sublime e dons tão excelsos, que a Igreja, num desejo de honrá-La dignamente, fez-se “inesgotável” em seus elogios,

proclamados sobretudo pelos lábios e pluma de seus Santos e Doutores.

São Tomás de Aquino afirma que “a Bem-Aventurada Virgem, por ser a Mãe de Deus, tem até certo ponto infinita dignidade, provinda do Bem infinito que é Deus”.¹ Já São Luís Maria Grignon de Montfort denomina Nossa Senhora “o grande e divino mundo de Deus, onde há belezas e tesouros inefáveis; [...] a magnificência do Altíssimo, onde Ele escondeu, como em seu seio, seu Filho único, e n’Ele tudo o que há de mais excelente e precioso”. E continua o eminente apóstolo mariano, num transporte de amor: “A altura de seus méritos, elevados até o trono da divindade, não se pode conhecer; a largura de sua caridade, mais extensa que a terra, não se pode medir; a grandeza de seu poder, exercido até sobre o próprio Deus, não se pode compreender; e, enfim, a profundidade de sua humildade e de todas as suas virtudes e suas graças é um abismo insondável”.²

Ao conhecer esses e tantos outros louvores, nossa fé certamente exulta de admiração e enlevo pela Rainha do Universo. No entanto, a consideração

de suas infindas grandezas pode produzir em nossa alma um compreensível sentimento de pequenez: “Minha Mãe, Vós sois tão formosa e admirável! E eu, quão pobre e miserável... Há um abismo entre mim e Vós, e não Vos posso ver senão como um paraíso inacessível, uma luz sublimíssima que tem comigo, quando muito, uma relação longínqua e etérea”.

Não haveria, entretanto, raciocínio mais falso!

Relacionamento que encerra um sublime mistério

Para as almas que recorrem a Maria, um dos aspectos de sua santidade que mais brilha é a compaixão para com os pecadores. Longe de desdenharmos por nossa debilidade, Ela nos contempla com pena, com vontade de nos fazer bem, com uma misericórdia cumulada de prerrogativas: inesgotável, patientíssima, clementíssima, incansável, inabalável...

Sempre solícita e bondosa, Nossa Senhora toma a nossa dimensão para nos favorecer; e o faz não apenas em benefício de algumas almas privilegiadas, mas para qualquer um, para todos os homens do passado e do presente, para os pecadores que enchem as ruas, para *todos* Ela é exatamente assim.³

Como se tanta bondade não fosse suficiente, a Rainha do Universo, que

A Mãe de Deus nos contempla com pena e com desejo de fazer bem a todos e a cada um

Nossa Senhora de Fátima -
Coleção particular

Timothy Ring

Oleksandr Ryzhkov / Freepik

goza no Céu das infinitas alegrias da visão beatífica, possui ainda este desejo insaciável: o de se relacionar mais estreitamente conosco. E nesse relacionamento, pelo qual correspondemos a seu amor, oculta-se um mistério preciosíssimo, que São Luís Grignon aponta como “o grande segredo para se chegar a ser santo”⁴ e, mais ainda, o meio indispensável para a instauração efetiva do Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a terra.⁵

Fonte inesgotável da graça

Ao tratar sobre o papel de Nossa Senhora em nossa santificação, São Luís é enfático. Argumentando em base à doutrina tradicional, ele sustenta que o principal meio de alcançarmos a graça divina superabundante é cultivarmos uma ardente devoção mariana e, logo, estabelecermos um profundo vínculo espiritual com a Virgem Santíssima. Essa tese é corroborada por grandes teólogos, como Santo Alberto Magno,⁶ e mariólogos mais recentes, como Roschini⁷ e Alastruey.⁸

Com efeito, Maria foi a única que encontrou graça diante de Deus, para Si mesma e para todos os homens, pois deu à luz o próprio Autor da graça, o que lhe valeu o título de *Mater Gratiae*.⁹

Se seguirmos a esplendorosa via espiritual da união com Nossa Senhora, as graças abundantíssimas que receberemos farão frutificar maravilhosamente toda a prática dos tradicionais meios de salvação. Nesse árduo caminho, a Virgem haverá de nos iluminar com sua luz, alimentar com seu leite, conduzir com seu espírito, sustentar com seu braço e guardar sob sua proteção. Ela mesma será a seiva vital que impulsará cada um de nós rumo à união com o Sagrado Coração de seu Divino Filho.¹⁰

Por Maria, tudo pode ser restaurado

Afirmar, no entanto, que Nossa Senhora dispõe de plenos poderes para nos santificar a partir do momento presente ainda não é suficiente. O poder d’Ela estende-se, de certo modo, até mesmo sobre o nosso passado.

Dr. Plínio Corrêa de Oliveira,¹¹ ardente devoto mariano, em conversa com alguns de seus filhos espirituais

as graças, devemos considerá-La – conclui Dr. Plínio – como uma Arca sagrada que contém tudo de belo, bom e verdadeiro que os homens rejeitaram ao longo da História, em proporções inimagináveis. Esses esplendores permanecem n’Ela num estado de integridade e de aceitação plena, e é certamente por causa disso que a humanidade, tendo repudiado a Deus de maneira tão cruel e resvalado a abismos de impiedade, ainda pode receber o perdão e ser restaurada.

Assim, quando sentirmos remorsos por nossas infidelidades ou saudades dos esplendores da Cristandade, imaginemos o passado vivendo em Nossa Senhora e consolemo-nos com a ideia de que, por intercessão d’Ela, tudo pode ser restaurado. No âmbito individual, podemos pedir também que Nossa Senhora ofereça a Deus por nós a integridade que não tivemos, porque Ela representa em sumo grau aquilo que deveríamos ser, e que ofereça, portanto, a Jesus Cristo as honras que nós não Lhe havíamos prestado.

Como se pode concluir, Maria Santíssima resume em Si a solução perfeita para cada um de nós e para a História inteira. Com razão, a Igreja A invoca, desde tempos imemoriais, como “vida, doçura e esperança nossa”, e São Bernardo a Ela suplica: “Mãe da vida e da salvação, tua integridade escuse na presença de teu Filho a culpa de nossa corrupção”.¹³

O mais alto grau de união com Deus

Essa solução, a ser colhida da especial devoção a Nossa Senhora não consistirá, no entanto, em uma “santidade comum” – se assim se pode dizer –, mas numa elevadíssima união com Deus, bem expressa na exclamação de São João Eudes: “Os heróis, os gênios na ordem da graça, as maravilhas de santidade desabrocharam sobretudo da



Gustavo Kraij

Maria Santíssima resume em Si a solução perfeita para cada um de nós e para a História inteira

Nossa Senhora das Mercês, por Lippo Memmi - Catedral de Orvieto (Itália)

explicitou um belíssimo aspecto da santidade de Nossa Senhora em relação a nós, baseando-se no fato aceito pela Mariologia de que Ela possui em grau sumo todas as graças gerais e especiais concedidas a todas as criaturas.¹²

Como Maria foi isenta de qualquer pecado ou imperfeição, e sempre correspondeu de maneira perfeíssima a todas

O reinado de Cristo por meio de Maria será a era histórica “na qual o espírito d’Ela estará presente em cada criatura e seu amor cobrirá, como uma névoa alva e discreta, toda a terra”

Vista do Vale de Erlauf, nos Alpes de Ybbstal (Áustria)

devoção à Santíssima Virgem, a Santa por excelência! Precisamente em sua escola é onde aprenderam os segredos da santidade e de onde tiraram as graças de luz e de amor que os fizeram ascender ao cume da perfeição!”¹⁴

Donde São Luís Grignon referir-se ao relacionamento com Maria como um segredo, desconhecido pela maioria dos homens. Aqueles que forem introduzidos nesse segredo serão regenerados para a vida sobrenatural, num fenômeno similar ao que se passou com o Menino Jesus durante sua sagrada gestação: Maria os sustentará com sua existência e os alimentará com suas virtudes;¹⁵ tornar-se-á a vida de seus filhos no plano espiritual, e eles não mais pensarão, quere-rão nem agirão sem Ela, o que constitui o mais alto grau de união com Deus.¹⁶ As almas assim inseridas no mais íntimo de Nossa Senhora, converter-se-ão em *cópias vivas* d’Ela para amar, servir e glorificar Jesus Cristo.¹⁷

Comentando os efeitos da devoção mariana, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP,¹⁸ conjectura que, sendo o bem eminentemente difusivo, a Santíssima Virgem fará com que participemos de alguma forma da superabundância da graça que Ela possui pelo fato de estar vinculada ao plano da união hipostática. Por assim dizer, a Mãe de Deus “derramará” a sua própria vontade em nossas almas, à maneira de um líquido precioso vertido numa taça de cristal; passaremos a ter a mentalidade d’Ela e

querer tudo quanto Ela quer, por aceitação livre, como um Anjo no Céu.¹⁹

Nessa relação espiritual com Nossa Senhora, podemos nos tornar almas mariaais, por um caminho de santidade mais suave, tranquilo, seguro. Pela graça, forjar-se-ão grandes santos, que comparados com os do passado serão como cedros-do-líbano em relação a arbustos.²⁰

Em consequência, o reinado de Cristo por meio de Maria será a era histórica “na qual o espírito d’Ela estará presente em cada criatura e seu amor cobrirá, como uma névoa alva e discreta, toda a terra. Assim como nos dias atuais se inala em qualquer parte o hálito pestilento e imundo [do demônio], caracterizado pela revolta, pelo igualitarismo e pela sensualidade desbragada, durante o Reino de Maria se respirará o suave perfume da presença e das virtudes da Rainha celestial, quer nas almas e nos ambientes, quer nos costumes e até nas civilizações”.²¹

“Minha Mãe, sou todo vosso!”

Ora, em que consiste esse profícuo relacionamento com Nossa Senhora? E como adquiri-lo?

A resposta a essas perguntas encontra-se exposta pelo apóstolo de Maria em seu célebre *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. Nesta obra, São Luís ensina uma forma de devoção que nos obtém a mais íntima união possível com Ela, isto é, a *esclavidão de amor*.

Tal esclavidão sagrada consiste em dar-se por completo a Nossa Senhora para ser, através d’Ela, inteiro de Jesus Cristo. É preciso oferecer-Lhe nosso corpo com todos os seus sentidos e membros; nossa alma com todas as suas potências; nossos bens interiores e espirituais, que são nossos méritos, nossas virtudes e nossas boas obras passadas, presentes e futuras, assim como todos os nossos bens materiais; em suma, tudo o que temos e poderemos ter na ordem da natureza, da graça e da glória, sem reserva.²²

Quem quer que seja, que tenha aberto sua alma para a transbordante misericórdia de Nossa Senhora, compreenderá que a consagração proposta por São Luís Grignon é um simples corolário de tal relacionamento com a Mãe de Deus; e ainda, como comenta Roschini,²³ uma necessidade para todo cristão digno deste nome. Com efeito, da aceitação amorosa da misericórdia nasce, espontaneamente, o desejo dessa bendita esclavidão. É como se Nossa Senhora tivesse dito a nós: “Meu filho, por cima de tudo e apesar de qualquer defecção, Eu te quero!”; e recebido de nossa parte a resposta: “Minha Mãe, sou todo vosso!”²⁴

A alma assim consagrada sempre poderá afirmar que tudo quanto faz, independentemente de sua importância, pertence a Jesus e a Maria, em virtude de seu oferecimento;²⁵ e, perseverando nessa graça, poderá desfrutar

livremente dos insondáveis benefícios meditados nestas páginas, e de muitos outros que não se podem enumerar.

Os justos entrarão por esta porta

“Basta-te a minha graça” (II Cor 12, 9), respondeu o Salvador ao Apóstolo das gentes quando este reclamava seu socorro na tentação. Tal conselho, ultrapassando os limites da dificuldade individual padecida por São Paulo, aplica-se a todos nós que labutamos neste vale de lágrimas.

A graça divina é a única coisa de que necessitamos e de que depende a nossa salvação e a do mundo inteiro. Que outros se dediquem a acumular méritos por suas próprias forças; quanto a nós, busquemos a graça e busquemo-la n’Aquele que é e sempre será a “cheia de graça” (Lc 1, 28): Maria!²⁶

A Santíssima Virgem é verdadeiramente “a porta do Senhor” proclamada no Livro dos Salmos (cf. Sl 117, 20): todo aquele que quiser ser justo e trabalhar com eficácia pela restauração do mundo entrará por ela! ✚



Arquivo Revista

A Santíssima Virgem é verdadeiramente “a porta do Senhor”: todo aquele que quiser ser justo entrará por ela!

Nossa Senhora das Graças - Coleção particular

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.25, a.6, ad 4.

² SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.6-7.

³ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 9/1/1982.

⁴ SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *O Segredo de Maria*, n.1.

⁵ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.13.

⁶ Cf. SANTO ALBERTO MAGNO. *Mariale*, q.164.

⁷ Cf. ROSCHINI, OSM, Gabriel. *Instruções marianas*. São Paulo: Paulinas, 1960, p.251-252.

⁸ Cf. ALASTRUEY, Gregório. *Tratado de la Virgen Santísima*. 4.ed. Madrid: BAC, 1956, p.626.

⁹ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *O Segredo de Maria*, n.7-8.

¹⁰ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.III, p.133.

¹¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*, 13/12/1977.

¹² Cf. SANTO ALBERTO MAGNO, op. cit., q.164.

¹³ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo tertius in Adventu Domini*, n.5.

¹⁴ SÃO JOÃO EUDES. *Maria. Meditaciones*. Bilbao: Vizcaína, 1951, p.21.

¹⁵ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.206.

¹⁶ Cf. CLÁ DIAS, op. cit., p.140-141.

¹⁷ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.217.

¹⁸ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Palestra*. Madri, 17/4/1999.

¹⁹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 26/4/1974.

²⁰ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.47; 152-182.

²¹ CLÁ DIAS, *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*, op. cit., p.123.

²² Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.121.

²³ Cf. ROSCHINI, op. cit., p.255.

²⁴ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 9/1/1982.

²⁵ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.136.

²⁶ Cf. SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo in Nativitate Beatæ Mariæ Virginis*, n.7-8.



Filhos da iniciativa misericordiosa de Maria

Ao longo dos séculos, a Santíssima Virgem derrama sobre a Igreja, de modo progressivo, seus auxílios e favores. A devoção ao Imaculado Coração de Maria parece trazer o ápice de sua misericórdia a uma humanidade pecadora, para nela operar uma prodigiosa conversão.

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

Nos escritos de Sórora Maria de Ágreda,¹ nos quais ela registra as revelações sobrenaturais que recebia, diz-se haver no Apocalipse muitos conceitos especiais contidos de modo simbólico, ainda não desvendados, sobre as relações de Nossa Senhora com os Apóstolos, especialmente São João Evangelista.

Quando chegar a época em que os teólogos compreendam as cifras do Apocalipse a esse respeito, eles conhecerão todo o tesouro que a Revelação contém, e o Magistério da Igreja poderá se exercer na sua plenitude quanto ao novo panorama. Embora essa ideia de Maria de Ágreda não esteja provada pelo simples fato de ela o dizer, nada tem de heterodoxo. Haverá, presumivelmente, um momento em que isso vai se desatar, e esse conhecimento vai se consumir.

Tal hipótese vai ao encontro do que afirma São Luís Grignon de Montfort sobre o progresso do mistério da graça. Houve uma devoção a Nossa Senhora ao longo dos tempos que, em certo momento, pelo desejo d'Ela, começou a tomar uma consistência maior. A devoção à Santíssima Virgem desenvolve nas almas esse mistério, e é o triunfo



Matheus Rambo

Imaculado Coração de Maria -
Coleção particular

dele que acaba com o reino do demônio e estabelece o verdadeiro Reino de Maria.

Há alguns vislumbres – muito ortodoxos, sérios e sólidos, embora ainda não inteiramente claros – pelos quais se compreende algo a respeito dessa ação misteriosa de Nossa Senhora nas almas.

**Fonte inesgotável de
compaixão para o pecador**

Houve tempo em que estive lendo a respeito das devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado de Maria – inclusive encíclicas sobre isso –, para responder à seguinte pergunta: em essência, o que é a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e, por conexão, ao Coração Imaculado de Maria? Sabemos que o objeto dessa devoção é o Coração enquanto membro do corpo humano d'Ele, ou do corpo imaculado d'Ela, mas é, sobretudo, um símbolo de ordem espiritual. Então, no que consiste essa realidade por ele representada?

Em resumo, na devoção ao Sagrado Coração de Jesus considera-se o que podemos chamar o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, portanto, a sabedoria e a santidade d'Ele;

*Houve uma devoção
a Nossa Senhora ao
longo dos tempos que,
em certo momento,
pelo desejo d'Ela,
começou a tomar uma
consistência maior*

*A devoção ao
Imaculado Coração
de Maria, destinada
especialmente aos
últimos tempos, traz
consigo uma nova
forma de clemência*

quer dizer, uma doutrina não só enquanto concebida, mas personificada e vivida. Ele Se manifesta amoroso aos homens, querendo disseminar-Se, contagiar, conquistar. Em face de uma humanidade pecadora, seu maior triunfo não é a justiça, pela qual manda o pecador para o inferno, mas a clemência, pela qual o resgata. O maior triunfo de Deus está em perdoar e em converter.

Então nós compreendemos esse aspecto da devoção, que é tão acentuado na piedade popular e ressaltado em numerosos documentos da Santa Igreja: o Coração de Jesus enquanto fonte de misericórdia.

Paralelamente se entende o que é o Imaculado Coração de Maria.

***Corações de Jesus e de Maria:
nova plenitude de graças***

Contudo, quando se presta bem atenção nessas duas invocações, nota-se haver meandros nos quais alguns desdobramentos se intuem, mas ainda não foram explicitados por completo.

Há uma espécie de comunicação de Nosso Senhor maior e mais completa com quem Lhe cultua o Coração, do que com quem Lhe presta culto nos outros mistérios. Como também há uma forma de comunicação mais plena de Nossa Senhora com quem Lhe venera o Coração Imaculado.

Autores que tratam sobre essas duas devoções afirmam serem elas para os últimos tempos, os fins da História da

Igreja, as últimas expansões da misericórdia.

Então, a partir da ideia de São Luís Grignon de Montfort, tem-se a impressão de um acréscimo da graça que se opera por maravilhas de benevolência, de modo progressivo e com maior intensidade a partir do momento em que essas duas devoções foram reveladas aos homens. É, portanto, mais um passo no mistério da graça a se manifestar. Pareceria que essa nova forma de clemência incidiu sobre uma humanidade em extremo pútrida – quase, à força do vício, tornada inidônea para alcançar de fato a santidade – e cuja decadência moral indicaria a proximidade do fim do mundo.

***Iniciativa misericordiosa e
transformante de Nossa Senhora***

Vejo, em nosso Movimento,² aqueles que procuram ser bons, a luta entre uma graça persistente, inefavelmente obstinada, e uma série enorme de repelões em sentido contrário, de recusas, de molezas, de infidelidades de toda espécie e tamanho.

Não obstante, parece haver uma vitória gradual de Nossa Senhora, marcada pela forma de as pessoas progredirem espiritualmente. A meu ver, isso não seria explicável sem esse auxílio dado aos fracos, aos pequenos, que corresponde à divisa da Igreja de

Imaculado Coração de Maria -
Basilica Nossa Senhora do Rosário
de Fátima, Cotia (SP)



Filadélfia, conforme está no Apocalipse: fraca, mas fiel (cf. Ap 3, 8). Trata-se de uma graça que sustenta na fidelidade aqueles que são muito fracos.

Sobre a humanidade mais pobre e capenga, descem graças contínuas, as mais imerecidas, que, entretanto, vão formando um fluxo de virtude indiscutível. Tantos casos de regeneração moral magnífica, em que se passa de moleque de rua para o que há de mais recomendável em matéria de piedade e de retidão! É impossível deixar de reconhecer um enorme sopro da graça, algo acima de tudo sobrenatural, comparável às grandes ações divinas registradas pela História da Igreja.

Tudo isso – verdadeiramente sem proporção com o que se passa hoje – indica uma enormidade da graça, toda assentada na devoção a Nossa Senhora. Se tivéssemos uma diminuição da relação com Ela, que fosse do tamanho de um milímetro – se em

milímetros essas coisas pudessem se medir – nosso Movimento se desfaria agora. Tenho a impressão de que não dava tempo de acabar a minha conferência. De tal maneira a fidelidade e a perseverança nascem de nosso vínculo com a Mãe de Deus e vive do alento d’Ela.

Nesse sentido, existe tanta misericórdia, que sou levado considerar que isso seja um sinal precursor do auxílio superabundante que no Reino de Maria vai prender os homens a Ela. Hoje, como é natural, tal vínculo está ainda em seu início, nos seus primeiros vagidos, nos seus movimentos iniciais, mas existe.

A união com a Virgem Maria está em relação às outras virtudes como o motor, que leva atrás de si todo o resto, está para o avião: ela é o “motor” de todas as virtudes; estando em progresso, tudo avança.

“Pequena via” e aurora do Reino de Maria

Creio não dever terminar esta exposição sem falar um pouco a respeito de Santa Teresinha do Menino Jesus e da “pequena via”, em conexão com isso.

Santa Teresinha do Menino Jesus, em sua *História de uma alma*, tem várias referências a uma intensidade nova do amor de Deus, tão poderosa que vai colher aqueles que são pequenos, insignificantes, pouco poderosos em vários sentidos da palavra, e levá-los para a santidade.

Então, é uma maior efusão da graça divina enquanto conquistadora, da benignidade de Deus enquanto contentando-Se com pouco para fazer grandes coisas; uma maior manifestação da

eficácia do auxílio sobrenatural, tirando o grande daquilo que é pequeno.

Santa Teresinha afirma que ela se ofereceu como vítima em holocausto ao amor misericordioso de Deus, para consagrar uma via que incontáveis almas deveriam seguir. Ela, no Céu, passaria sua eternidade fazendo cair uma chuva de pétalas de rosas sobre a terra.

É evidente que as pétalas de rosas significam graças temporais, como ela concede, mas para conduzir às espirituais; trata-se desse maior amor de Deus de que nós acabamos de falar.

Deve haver uma relação entre essa esperança dela de um progresso do amor misericordioso de Deus e a aurora do Reino de Maria, embora Santa Teresinha não tenha se expressado nesses termos. A morte dela certamente corresponde, de algum modo, ao desencadear disso: a marcha progressiva do amor misericordioso no mundo deveria ser feita a partir do caminho aberto por ela.

A “pequena via” acaba sendo, a vários títulos – quando estudada em todos os seus aspectos –, o caminho pelo qual as almas pequenas de uma humanidade decadente são colhidas pela misericórdia e levadas à santidade. É, pois, a espiritualidade específica daqueles que querem ser filhos e escravos de Nossa Senhora, e progredir na virtude.

Tenho a impressão de que algumas almas muito eleitas de Nossa Senhora, desde Elias até o fim do mundo, tiveram e terão essa graça. Mas de casos individuais passará a episódio coletivo, quando vier o Reino de Maria. ❖

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de: *Conferência*. São Paulo, 11/7/1967

¹ Religiosa concepcionista, escritora mística e abadessa do convento de Ágreda, na Espanha (1602-1665).

² Dr. Plínio fundou a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, em 1960.



Dr. Plínio em 1986

A “pequena via” é o caminho pelo qual as almas pequenas de uma humanidade decadente serão colhidas pela misericórdia e levadas à santidade



Ave Maria, cheia de graça

A infância de São Tomás de Aquino não foi isenta de uma singular “desobediência”... Certa vez, ainda menino, encontrou ele por acaso um pequeno pergaminho. Recusando-se obstinadamente a soltá-lo, chorava com veemência ante as tentativas de lho subtrair à força. Sua pobre ama inclusive resignou-se a banhá-lo com a mãozinha cerrada... Mais tarde, a habilidade materna foi capaz de desvendar seu conteúdo misterioso. Duas palavras: “Ave Maria”.

Esse singelo episódio, cuja narração foi colhida de familiares pelo seu primeiro e principal biógrafo, Guilherme de Tocco, denota a razão de o Doutor Angélico ter obtido brilhantes vitórias nas mil vicissitudes enfrentadas neste vale de lágrimas. Soube ele viver o que pregou ao comentar a Saudação Angélica: “Em todos os perigos, podes obter a salvação por meio da mesma gloriosa Virgem” (*Comentário à Ave-Maria*, a.1). A Maria se aplicam as palavras do sábio: “D’Ela pendem mil escudos” (Ct 4, 4), como remédio aos múltiplos males. Da mesma forma, a Mãe de Deus é auxílio em toda obra de perfeição: “Em Mim está toda a esperança de vida e de virtude” (Eclo 24, 25).

Os Santos possuem a graça não somente para a própria salvação, mas também para a de muitos. Quantos puderam alcançar o Céu pela mediação dos fundadores de Ordens Religiosas, como São Bento, São Domingos, Santa

Teresa de Jesus! Entretanto, por cima de todos eles, encontra-Se Nossa Senhora, que alcançou a salvação para *todos* os homens, pois Ela, por ser verdadeiramente a “cheia de graça”, gerou o Salvador da humanidade.



Gustavo Kraib

Seja a saudação angélica para nós consolo e proteção nas angústias e necessidades, assim como para São Tomás se transformou em estandarte, escudo e baluarte nas batalhas

O pequeno Tomás recebe do Céu um manuscrito com a Saudação Angélica - Convento de São Domingos, Lima

Ademais, explica o Aquinate, Deus nos dá a graça “para fazer o bem e para evitar o mal, e sob este dúplice aspecto a Santa Virgem possuía a graça perfeitissimamente” (a.1). De fato, Ela não só foi preservada da mácula original, mas também repeliu todo e qualquer pecado em sua vida. Por outro lado, enquanto cada Santo se destaca por alguma virtude particular – seja a humildade, a

combatividade, a misericórdia, etc. –, na vida de Maria temos “o exemplo de todas as virtudes” (a.1).

Se encontramos a virtude da humildade de modo excelente em São Francisco de Assis ou em São Martinho de Porres, na Santíssima Virgem descobrimos a sua plenitude, pois Deus “olhou para a humildade de sua serva” (Lc 1, 48). Se em Santa Inês e Santa Luzia temos modelos de pureza e virgindade, em Maria nos deparamos com o seu ápice, pois Ela não conheceu varão (cf. Lc 1, 34). Por isso, foi Ela identificada com a *tota pulchra*, a toda bela (cf. Ct 4, 7), na qual não há a menor mancha.

De fato, Nossa Senhora foi e sempre será chamada bem-aventurada por todas as gerações (cf. Lc 1, 48), não só pelos homens, mas também pelos Anjos, a começar por São Gabriel que, inclinando-se na Anunciação, deu-Lhe o título por antonomásia: “Cheia de graça” (Lc 1, 28). Com essas palavras queria ele significar: “Eu Vos presto reverência, porque Me superais na plenitude de graça” (a.1).

Nós, débeis pecadores, devemos aprender a “desobedecer” como o pequeno Tomás, para agarrarmo-nos nesta inexpugnável “torre de Davi” (Ct 4, 4). Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, recorramos sempre a Nossa Senhora, ainda que apenas pronunciando seu nome: Maria! ✦



Arquétipo do Corpo Místico de Cristo

Se é verdade que Nossa Senhora, como Filha de Deus, é membro da Igreja, Ela é também Mãe e Rainha dessa mesma Igreja, além de Mãe de todos os seus membros, a começar por sua Cabeça



✠ Miguel de Souza Ferrari

“O todo vale mais do que as partes”. Essa máxima, assaz conhecida, é tida como indiscutível, chegando a se tornar princípio filosófico universal.

Ilustres doutores a utilizaram para especificar a relação entre Nossa Senhora e a Santa Igreja. Sendo a Virgem Santíssima um membro superexcelente da Igreja, seria menos importante que o Corpo Místico de Cristo, o “Cristo total”, na expressão agostiniana. Uma parte, com efeito, não poderia valer mais do que o conjunto que a inclui.

Entre os defensores do princípio acima elencado, encontra-se o próprio Doutor de Hipona, que afirmava: “Santa Maria, feliz Maria! Contudo, a Igreja é melhor que a Virgem Maria. Por quê? Porque Maria é porção da Igreja, membro santo, membro excelente, membro supereminente, mas membro do Corpo total. Se Ela pertence ao Corpo total, maior é o Corpo que cada um dos membros”.¹

Data venia, será mesmo que tal questão se resolve em termos tão simples?

Uma parte ou a razão de ser?

Como argumentação inicial, propõe-se um exemplo: imagine o leitor

um palácio real estupendo, ornado de preciosos quadros e adornos valiosos, ricas tapeçarias e móveis inestimáveis. O nobre edifício, obviamente, não está desabitado: grande número de cozinheiros, faxineiros, guardas, lacaios e pajens servem a uma expressiva corte de barões, viscondes, condes, marqueses e duques, os quais, por sua vez, orbitam em torno de um poderoso rei, ladeado por sua rainha.

Variiegado conjunto forma esse palácio, mas será que podemos afirmar que o majestoso casal é apenas uma parte desse conjunto, ou antes, o castelo com seus habitantes é tão somente parcela do que se poderia chamar de “poder real”? Em suma, se tirarmos o rei e a rainha, qual é o sentido da existência do castelo e da corte?

Nota-se, pois, que alguns elementos, apesar de incluídos em uma realidade, não podem ser considerados meras parcelas de um todo, uma vez que constituem a própria razão de ser dessa totalidade. Assim, embora estejam *em* um conjunto, encontram-se mais propriamente *acima* dele.

Ora, tal consideração é perfeitamente aplicável ao papel de Nossa Senhora em relação ao Corpo Místico de Cristo. Se é verdade que Maria Santíssima,

como Filha de Deus, é membro da Igreja, Ela é também Mãe e Rainha dessa mesma Igreja, além de Mãe de todos os seus membros, a começar por sua Cabeça.

Indissociáveis aos olhos de Deus

Será, portanto, que podemos simplesmente afirmar que a Igreja é uma realidade distinta de Maria e que, ademais, lhe é inferior?

Embora, sob o ponto de vista acima exposto, isso seja sustentável, convém lembrar as felizes palavras do Bem-Aventurado Isaac, abade do Mosteiro de Stella: “Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui de modo geral à Igreja, virgem e mãe, aplica-se particularmente à Virgem Maria. [...] E quando o texto se refere a uma delas, pode ser em larga medida aplicado indistinta e indiferentemente a uma e à outra”.²

Percebe-se por esse trecho que, aos olhos de Deus, ambas são indissociáveis. E isso por vários motivos.

Primeiramente, convém recordar que a Igreja nasceu, por assim dizer, em Maria: com efeito, a Cabeça do Corpo Místico foi gerada n’Ela, e também é por Ela que são gerados todos os filhos de Deus no Batismo.

Ademais, a Esposa Mística de Cristo veio ao mundo a partir do costado ferido do Crucificado e, nesse momento, a única alma que mantinha vivo o dom da fé era a sua Santa Mãe; poder-se-ia afirmar, portanto, que, no seu nascedouro, a comunidade dos fiéis estava constituída apenas por Nossa Senhora.

Além do mais, tendo cumprido em tudo a vontade de Deus e sido exemplo preclaro de todas as virtudes, a Santíssima Virgem tornou-Se a causa exemplar, o *typus* da Igreja.³

Maria, ideal de perfeição para a Igreja

Disso decorre que, para a Igreja melhor realizar o seu ideal de perfeição, ela precisa assemelhar-se sempre mais à Mãe de Deus. Com razão afirma o *Catecismo* que, ao tratarmos da origem, missão e destino da Igreja, nada melhor do que voltarmos nosso olhar para Maria, “a fim de contemplar n’Ela o que a Igreja é no seu mistério, na sua ‘peregrinação da fé’, e o que será na pátria ao terminar a sua caminhada”.⁴

Assim, se esperamos uma época em que Nossa Senhora reine efetivamente nos corações, o Reino de Maria anunciado por São Luís Grignon de Montfort,⁵ é imperativo procurar fazer com que a Igreja espelhe em todos os aspectos de sua vida a santidade da Virgem Imaculada.

Certo teólogo medieval chegou a afirmar que o Verbo Eterno veio ao



Gustavo Krahl

A Igreja trará para junto de si o seu Divino Esposo desde que espelhe perfeita e integralmente a Mãe de Deus

Imaculada Conceição - Coleção particular

mundo atraído e seduzido pelo bom odor da santidade de Maria: “Esse perfume tão suave seduziu o único Filho de Deus e O arrebatou inteiramente! E Ele não tardou, mas foi imediatamente seduzido e arrebatado do seio do Pai ao seio da Virgem”.⁶

Ora, se em todo o orbe a Santa Igreja exalar as sublimes fragrâncias da santidade marial, Jesus Cristo não se sentirá novamente atraído – embora de modo diverso – à terra? Sem dúvida. A Igreja trará para junto de si o seu Divino Esposo desde que espelhe perfeita e integralmente a Mãe de Deus, a qual pode ser chamada com propriedade de “Igreja perfeita, a Igreja plenamente realizada em sua dimensão terrena e escatológica”.⁷

Deve o todo rumar para a parte

Vale retomar, em conclusão, a questão proposta no início do artigo: o todo é maior que a parte? No caso que nos ocupa, a resposta foge aos padrões humanos: cabe ao todo – a Igreja – de algum modo se identificar com a sua parte especialíssima, isto é, Maria Santíssima. Só assim a totalidade estará completa e alcançará o píncaro de si mesma.

Como essas considerações se aplicam a nós, filhos da Igreja e filhos de Maria? Em tudo e por tudo: *Totus tuus* – Sou todo teu, ó Maria! Nossa vida de perfeição, com efeito, não pode se limitar à simples prática das virtudes. É preciso buscar viver cada segundo de nossa existência por Maria, com Maria e em Maria, para que o quanto antes possamos vislumbrar a face transfigurada da Santa Igreja, *totalmente* configurada com a Rainha do Céu, a Mãe de Deus e nossa. ✠

¹ SANTO AGOSTINHO. *Sermo XXV*, n.7: PL 46, 938.

² BEATO ISAAC DE STELLA. *Sermo LI. In Assumptione Beatæ Mariæ*: PL 194, 1863.

³ Cf. CCE 967.

⁴ CCE 972.

⁵ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.217. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.634-635.

⁶ ACHARD DE SÃO VÍTOR. *Sermão na Festa da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria*, n.1. In: *Lumen Veritatis*. Ano XIV. N.56 (jul.-set., 2022), p.496.

⁷ BENI DOS SANTOS, Benedito. *Nossa Senhora e a Igreja*. In: *Lumen Veritatis*. Ano XVI. N.64 (jul.-set., 2024), p.23.



Rainha da História

O eixo da História é a Encarnação do Verbo. E o Verbo Se encarnou no seio de Maria. Por meio d’Ela, portanto, o Altíssimo tomou as rédeas da História e continua a retê-las.



✠ Santiago Ignacio Ramirez

Oxadrez tem seus mistérios. Como compreender que um cavaleiro execute um salto olímpico por cima de uma torre? Que os bispos só consigam deslizar por casas de uma cor? Que um peão, depois de muito correr, possa se tornar até mesmo rainha, sob as barbas do atônito rei adversário?

Mais ainda: como conceber que a rainha tenha potência e eficiência superiores a todas as demais peças, maiores inclusive que as de seu régio esposo? Este, tolhido pela grandeza, avança com solenidade um escaque por vez; aquela, não se sabe por que delírios de zelo para com o monarca, com uma só jogada rasga o campo de batalha de ponta a ponta, torna-se o desespero dos inimigos e a salvação de seus soldados. Como entendê-lo? Quiçá considerando o xadrez como uma metáfora do modo de Deus intervir na História...

A Divina Providência talvez tenha permitido que os homens outorgassem à rainha do xadrez tal importância somente para que ela recordasse, de longe, Aquela que é a verdadeira

e indestronável Rainha da História, Maria Santíssima.

Rainha efetiva

Filha do Pai Eterno, Mãe do Rei do Universo, Esposa do Espírito Santo, Nossa Senhora não é Rainha da História apenas de título, mas também de fato.

Ela está na origem dos grandes marcos da cronologia da salvação: no presépio, quando dá à luz o Divino Menino que racharia a História em duas; no Cenáculo, ao atrair o Paráclito em Pentecostes; no epicentro do Concílio de Éfeso, marcando as definições

dogmáticas que fixariam a doutrina da Igreja nascente; nos céus de Lepanto e na batalha de Viena, velando pela Cristandade; no manto de Guadalupe, como penhor de sua materna presença no Novo Mundo; na Medalha Milagrosa e na gruta de Lourdes, chamando a humanidade desviada à penitência e à oração...

E Deus, como o rei do xadrez, majestoso e soberano, Se compraz em vê-La presente na gesta humana, triunfando e governando.

Mas em que sentido Maria é Rainha da História? Qual é o centro da História? O que, enfim, é a História?

O “unum” da História

Segundo uma clara descrição de Dr. Plínio, a História é “uma narração que tem o mesmo agente, temas conexos, e cuja ação é contínua através dos tempos”.¹

Alguém que se propusesse, por exemplo, a escrever a história de um hotel, enquanto instituição, narrando somente o que ocorreu transitoriamente nos seus quatrocentos quartos, não teria êxito em seu intento, por não

Deus talvez tenha permitido que fosse dada tanta importância à rainha do xadrez para que ela recordasse Aquela que é a Rainha da História

haver continuidade entre os fatos nem relação entre os personagens.

Pelo contrário, pode se falar em história da nação brasileira, história da Filosofia, história das línguas e, sobretudo, em História – com “H” maiúsculo – da humanidade, em virtude da mencionada continuidade de agentes e de temas.

Com efeito, há um *unum* que liga todos os homens, desde os primórdios de sua existência sobre a terra até o Juízo Final. A História se apresenta assim como uma catedral que, embora constituída por muitas pedras, compõe um único monumento. Ela é o “edifício” arquitetado por Deus antes dos tempos para que de trono à sua pedra angular (cf. Ef 2, 19): o Rei da criação e Senhor dos séculos, Jesus Cristo.

Escrevendo a ouro sobre o divino “rascunho”

Isso considerado, pode-se afirmar que o eixo da História está na Encarnação do Verbo no seio de Maria. Foi por meio d’Ela que o Altíssimo tomou as rédeas da História com mãos humanas e é através d’Ela que concretiza as suas grandes conquistas.

Por um sublime mistério, a sua relação com a trama dos acontecimentos se inicia antes mesmo que Ela fosse concebida. Sim, pois, já no Paraíso, a Imaculada estava presente como promessa.

Com a infidelidade de nossos primeiros pais, Deus revelou que seu plano continuaria por meio de uma Virgem, a qual esmagaria a cabeça da Serpente (cf. Gn 3, 15). A criação recebeu então a sua linha-mestra: o confronto entre bem e mal. E, à frente do exército da luz, está Nossa Senhora, Aquela que “conhece as intenções de Deus a respeito da História”.²

Sem embargo, essa ação de Maria tem uma característica peculiar. Conforme afirmou Dr. Plínio, o Altíssimo quis constituir

“uma criatura inteiramente humana, mas absolutamente perfeita; [...] que sempre está em condições de retocar, ao menos em parte, o que homens fazem e, por assim dizer, corrigir – se a palavra corrigir não fosse inadequada –, reformar, rever, segundo os planos da misericórdia de Deus, aquilo que sua justiça faria”.³

Dessa forma, o Criador desejava que, sobre o “rascunho” de seu plano inicial entregue aos homens, Nossa

O Criador desejava que, sobre o “rascunho” de seu plano inicial entregue aos homens, a Virgem gravasse em letras de ouro a verdadeira História

Senhora gravasse em letras de ouro a verdadeira História.

A presença de Maria ao longo dos séculos

Não vamos mencionar neste artigo, a fim de provar que a Mãe de Jesus segura com doce firmeza a direção dos fatos, todas as ocasiões em que Ela Se fez presente na História dos homens. Seria escrever uma enciclopédia... Mas lembremos brevemente alguns das suas ações mais decisivas.

Em dezembro de 1531, a Mãe de todos os povos apareceu na Nova Espanha, hoje México, ao índio Juan Diego, revelando uma entranhada predileção pelas terras americanas e seus nativos. Um dos símbolos principais da aparição é o *nahui ollin*, o qual faz referência à flor de quatro pétalas representada sobre o ventre da Virgem e que encerrava, para os aborígenes, a noção de “centro da História”. Com essa manifestação emblemática, Maria quis manifestar seu desejo de fazer do Novo



“Anunciação”, por Gentile da Fabriano - Pinacoteca Vaticana; na página anterior, “Coroação da Virgem”, por Agnolo Gaddi - Galeria Nacional, Londres

Reprodução



Rainha Maria Santíssima da Aurora - Palácio de Cultura Banamex, Cidade do México

Continente morada de seu Filho Santíssimo e âmago de seu reinado.

No Velho Continente, as aparições da Virgem Santíssima se multiplicaram no século XIX, tempo de inéditas rebeldias contra os planos de Deus, fomentadas precipuamente pela Revolução Francesa.

Em Paris, quando falou a Santa Catarina Labouré em 1830, Nossa Senhora anunciou que “o mundo inteiro será abalado por desgraças de todos os tipos”;⁴ sem embargo, com misericórdia copiosa entregou à religiosa a medalha milagrosa, que entrou no cenário da História como arma valiosíssima.

Já em La Salette, França, a Mãe Dolorosa lamentou-Se novamente no ano de 1846 pela decadência da

No tabuleiro em que se batem legiões da virtude contra as hostes do pecado, temos em Maria a certeza do xeque-mate contra o príncipe das trevas

sociedade e pelas infâmias do clero, e pressagiou um castigo pelo qual Deus golpearia a humanidade tanto com catástrofes naturais como com guerras continentais.

Por fim, em Lourdes a Mãe de Deus apresentou-Se a Santa Bernadette Soubirous em 1858, anunciando: “Eu sou a Imaculada Conceição”. Tais palavras eram o exórdio da imensa quantidade de milagres com os quais Ela demonstraria ao mundo o seu cetro de Rainha.

Passando para o século XX, nos dois opostos do orbe, em Fátima e em Akita, Japão, Nossa Senhora desponhou como sol de esperança, prometendo a salvação das almas e um grande período de paz se no mundo fosse estabelecida a devoção ao seu Imaculado Coração. Esse era e é, com efeito, o eixo sobre qual gravitam os mais graves e universais problemas do homem. Também advertiu Maria que grandes castigos viriam sobre a humanidade caso esta não se convertesse: “Os bons serão martirizados”, profetizou a Rainha da Paz, “o Santo Padre terá muito que sofrer, e muitas nações serão aniquiladas”.⁵

O grande xeque-mate da História

Poderíamos enumerar milhares de aparições e intervenções de Maria Santíssima. Mas paremos por aqui e dirijamos os olhos para nossa Soberana.

Nós, os soldados que militamos sob a bandeira da luz no exército da Virgem, estamos às ordens d’Aquela que escreve por cima do esboço de Deus com letras douradas. Nesse horizonte, que inimigos podemos temer?

No tabuleiro em que se batem legiões da virtude contra as hostes do pecado, temos de nosso lado a Rainha poderosa. Enquanto lidadores de tal Senhora – ainda que meros peões – sabemos que Ela nos defenderá. E, acima de nosso campo de batalha pessoal, temos em Maria a certeza do xeque-mate contra o príncipe das trevas e da vitória final da Santa Igreja. ✚

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Nossa Senhora, Rainha da História. In: *Dr. Plínio*. São

Paulo. Ano XIV. N.164 (nov., 2011), p.6.

² Idem, p.12.

³ Idem, ibidem.

⁴ BRIOSCHI, SDB, Giuseppe. *La medaglia miracolosa*. Camerata Picena: Shalom, 2005, p.25.

⁵ WALSH, William Thomas. *Nossa Senhora de Fátima*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1949, p.76.



A predestinação da Mãe de Deus e a nossa

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§488 “Deus enviou seu Filho” (Gal 4, 4), mas, para “formar-Lhe um corpo”, quis a livre cooperação de uma criatura. Por isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe de seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galileia, “uma Virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da Virgem era Maria” (Lc 1, 26-27).

Este parágrafo do Catecismo, intitulado A predestinação de Maria, apresenta um conjunto de predicados bíblicos marianos, cujo foco incide sobre o privilégio da Maternidade Divina.

Dos quatro dogmas marianos – Perpétua Virgindade, Imaculada Conceição, Assunção e Maternidade Divina –, este último é o mais sublime, pois fundamenta os demais. Durante o Concílio de Éfeso, celebrado no ano 431, a Igreja definiu que a Virgem Maria é verdadeiramente Mãe de Deus, já que concebeu por obra do Espírito Santo e deu à luz, segundo a carne, Aquele que possui duas naturezas – a humana e a divina –, unidas numa só Pessoa, o Verbo Eterno.

Esse quadro teológico, que a Igreja não terminou ainda de compreender, torna manifesto que o Pai quis predestinar Nossa Senhora, desde toda a eternidade, para a realização da obra sublime e infinitamente grandiosa da Encarnação. Trata-se de uma dignidade inefável, confirmada por São Tomás de Aquino¹ quando ensina que tudo quanto o Criador fez poderia ter sido melhor, não obstante três exceções: a humanidade de Cristo, por estar unida hipostaticamente à Pessoa do Filho; a Virgem Santíssima, por ser Mãe de Deus; a visão beatífica, por consistir na visão do próprio Deus.

À vista dessas considerações, compreende-se melhor o motivo pelo qual São Luís Grignion de Montfort² destaca que o mistério da Encarnação é central na prática da consagração total de si mesmo a Jesus Cristo, pelas mãos de Maria.

A Encarnação demonstra que Deus Pai, embora não necessitasse de Nossa Senhora, desejou servir-Se d’Ela para dar ao mundo o Salvador. O Onipotente poderia ter operado de outra forma

a Redenção da humanidade. Contudo, seu plano infinitamente sapiencial contemplou desde todos os séculos a Encarnação do Filho Unigênito. Assim, o desígnio divino de eleger e predestinar Maria a ser Mãe de Deus resulta perfeitíssimo, embora nossa inteligência humana seja incapaz de abarcar toda a sua profundidade.

Por esse prisma, conclui-se que o “sim” da Santíssima Virgem na Anunciação foi a mais esplêndida e grandiosa decisão da História, cindindo-a em duas partes: antes e depois de Cristo. Ao mesmo tempo, foi uma manifestação eloquente de sua plenitude de graças, amor e entrega: “Eis aqui a escrava do Senhor” (Lc 1, 38).

Cada fiel é igualmente chamado a dar o seu “sim” à vocação universal para a santidade. Para isso, nada melhor do que seguir o exemplo d’Aquele que todas as gerações chamarão bem-aventurada, porque n’Ela o Todo-Poderoso operou maravilhas (cf. Lc 1, 48-49). Também em nós, pela graça, Ele poderá fazê-lo. ✦



Francisco Lecaros

Antes de todos os séculos, Maria foi predestinada a realizar a sublime obra de Deus: a Encarnação do Verbo

“Virgem com o Menino”, por Barnabé de Módena - Galeria Estense, Módena (Itália)

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.25, a.6, ad 4.

² Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, n.16; 139; 243.

A “recompensa” de Giezi

Ninguém esperava o desfecho desta história, nem Giezi, nem o leitor... Sobretudo Deus esperava um outro desenlace.



✠ Pe. Roberto Torres Balcázar, EP

Envoltos em grandeza e mistério, os profetas são varões-chave na História e dificilmente encontram-se almas comparáveis a eles. Porém, o Divino Artífice permite muitas vezes que, ao lado de tais gigantes da Fé, figurem homens de pouca virtude, quiçá para fazer brilhar de maneira especial a força divina e sua supremacia em relação à miséria humana...

Trata-se, por exemplo, do que aconteceu nos tempos de Eliseu, discípulo do grande Elias.

Naamã, o general sírio

Tudo começou com a chegada de uma caravana provinda de Damasco ao território de Israel. A imponente comitiva estava chefiada por ninguém menos que o general mais prestigiado do rei da Síria: Naamã. O monarca do povo eleito temeu tratar-se de uma armadilha que justificasse uma campanha militar contra seus domínios, mas não era o caso. A razão da inopinada excursão era a terrível doença que contraía o oficial e da qual esperava a cura.

Narra o Segundo Livro dos Reis que Naamã padecia de lepra e fora aconselhado por uma jovem escrava – judia de nascença e de

religião – a buscar em Israel o profeta Eliseu, “o homem de Deus” (5, 8), que poderia curá-lo. Com esse fim, obteve Naamã permissão para empreender viagem; e partiu munido de cartas de recomendação do soberano sírio, rogando ao reino vizinho a insólita mercê.

O desenrolar da história, com suas manifestações de fé e ceticismo, bem como o episódio da cura de Naamã nas águas do Jordão, são amplamente conhecidos, pois o ciclo litúrgico contempla-os anualmente. Contudo, é provável que poucos recordem os episódios posteriores, narrados a seguir.

À sombra de Eliseu, Giezi

Naamã emergiu curado das águas do Jordão. O prodígio acontecera por ordem do profeta Eliseu, sem que este sequer tivesse falado pessoalmente ao general, pois o fizera por intermédio de um servo.

Giezi – como o chama a Escritura – era, pois, o homem de confiança do varão providencial e a testemunha dos grandes portentos por ele realizados. Certamente estivera presente quando Eliseu fez uma viúva encher numerosas ânforas com o óleo que manava miraculosamente de uma única garrafa, a fim de saldar as dívidas de seu finado esposo (cf. II Rs 4, 1-7). Noutra ocasião, foi por sugestão sua que Eliseu profetizou o nascimento de um filho a certa mulher sunamita que o favorecera (cf. II Rs 4,



Giezi era o homem de confiança do varão providencial e a testemunha dos grandes portentos por ele realizados

“Eliseu e a mulher sunamita”, por Gerbrand van den Eeckhout - Museu de Belas Artes, Budapeste



Vendo que seu mestre havia recusado os presentes de Naamã, Giezi – que amava mais as riquezas do que Eliseu – partiu atrás da caravana, para exigir paga por uma cura que não realizara...

“Naamã e Eliseu”, por Abraham van Dijk

12-17). E, anos depois, ele assistiu à ressurreição desse mesmo menino, fulminado por uma súbita enfermidade (cf. II Rs 4, 18-37).

Decerto, Giezi acompanhava Eliseu quando este salvou da morte – ou pelo menos de uma terrível indigestão – seus irmãos profetas, desvenenando uma sopa nociva com o simples gesto de lançar farinha na panela (cf. II Rs 4, 38-41). E, fato mais admirável ainda, foi ele quem distribuiu, por ordem de seu senhor, vinte pães de cevada que se multiplicaram a ponto de alimentar uma multidão (cf. II Rs 4, 42-44)!

O potentado humilde e o servo avarento

Entretanto, não basta viver à sombra de um profeta para tornar-se santo como ele... É necessário admirá-lo de todo o coração, imitar suas obras, praticar seus ensinamentos. Como ficará claro, Giezi estava longe de observar

esses requisitos, pois suas aspirações eram diametralmente opostas às de seu mestre.

A História Sagrada narra que, após ser miraculado, Naamã apresentou-se outra vez à porta de Eliseu para humildemente lhe agradecer seus benefícios. Desta vez, o profeta recebeu-o em pessoa e, rejeitando os ricos presentes que lhe oferecia com insistência, permitiu ao general levar consigo certa quantidade de terra do país, pois este, mesmo vivendo entre pagãos, havia decidido adorar dali em diante apenas o único Deus verdadeiro.

Afastando-se a caravana síria, Giezi, que amava mais as riquezas do que Eliseu, pensou consigo: “Eis que meu amo poupou a esse sírio, Naamã, recusando aceitar de sua mão o que ele tinha trazido. Pela vida de Deus! Vou correr atrás dele, e obterei dele alguma coisa” (II Rs 5, 20). E partiu depressa, para apropriar-se de bens que não

merecia e exigir paga por uma cura que não realizara...

Definitivamente, tão desonesto intento só poderia terminar em fracasso.

Um leproso curado e um sadio leproso...

Ao avistar Giezi que corria atrás de sua caravana, Naamã deteve-se para atendê-lo. A falsidade manifestada pelo servo surpreende: “Meu senhor mandame dizer-te: Acabam de chegar à minha casa, da montanha de Efraim, dois jovens, filhos de profetas. Rogo-te que me dês para eles um talento de prata e dois hábitos de festa” (II Rs 5, 22). Por meio dessa fraude, Giezi obteve do general – que, movido por gratidão e generosidade, de nada desconfiou – tudo quanto pediu e ainda um talento a mais...

Satisfeito com o sucesso da operação, retornou a seu serviço em presença de Eliseu, tendo antes o cuidado de



Reprodução

Se Giezi houvesse sido fiel, teria contemplado as maravilhas operadas na presença de Eliseu

“Eliseu repreende Giezi”, por Lambert Jacobsz - Agnes Etherington Art Centre, Kingston (Canadá)

esconder os presentes adquiridos, a fim de enganar o profeta, ocultando seu pecado. Essa ingênua artimanha, no entanto, foi desmascarada de imediato pelo homem de Deus:

— De onde vens, Giezi?

— Teu servo não foi a parte alguma – respondeu.

— Não estava porventura presente o meu espírito, quando um homem saltou de seu carro ao teu encontro? É este o momento de aceitar dinheiro, adquirir vestes, oliveiras e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas? A lepra de Naamã se pegará a ti e a toda a tua descendência para sempre.

E assim aconteceu: “Giezi saiu da presença de Eliseu coberto de uma lepra branca como a neve” (II Rs 5, 27).

Castigo de uns, prêmio de outros

Tudo leva a crer que, uma vez leproso, Giezi se afastou do serviço de Eliseu. A Escritura, parca em detalhes, não alude a esse pormenor; certo é que seu nome não aparece mais na história do profeta. Em vez disso, vemo-lo

mais tarde conversando com o Rei Jorão (cf. II Rs 8, 4-5) – pessoa, aliás, pouco virtuosa – e depois nunca mais os textos sagrados o mencionam.

Qual teria sido o destino dele se houvesse imitado a despreensão, a retidão e a santidade de seu mestre? Não precisamos meditar muito para obter uma resposta, pois o próprio Livro dos Reis no-la apresenta no capítulo seguinte.

Sucedeu, em meio às contendas entre Israel e Síria, que diversas vezes Eliseu delatou ao rei de Israel a posição exata das tropas inimigas, seus planos e emboscadas. Descobrimo que essas revelações não eram obra de um traidor, mas sim do profeta, o soberano sírio decidiu prendê-lo.

Assim, certa manhã Eliseu acordou e viu sua cidade rodeada por “carros, cavalos e uma companhia importante” (II Rs 6, 14), que vinha à sua procura. À vista de tal espetáculo, seu servo – que certamente não era mais Giezi – exclamou apavorado:

— Ai, meu senhor! Que vamos fazer agora?

— Não temas – respondeu Eliseu. – Os que estão conosco são mais numerosos do que os que estão com eles.

Considerando a atitude indigna de Giezi em circunstâncias bem menos exigentes, é de se imaginar que, num perigo como este, ele tivesse talvez fugido da companhia de Eliseu, preferindo salvar-se a confiar no profetismo... O novo servo, pelo contrário, permaneceu junto ao homem providencial, quando a situação parecia perdida.

Apesar de não compreender inteiramente a afirmação de seu mestre, contemplou no olhar dele a certeza que só aqueles que combatem por Deus podem transmitir; e acreditou. Em retribuição por tal ato de confiança, “ou Eliseu e disse: ‘Senhor, abri-lhe os olhos, para que veja’. O Senhor abriu os olhos do servo, e este viu o monte cheio de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu” (II Rs 6, 15-17). Sua fraqueza foi suprida pela devoção ao profeta, e sua visão terrena tornou-se sobrenatural.

Se Giezi houvesse sido fiel, quicá estivesse junto a Eliseu nesse bellissimo episódio. Ele teria contemplado as legiões de Anjos guerreiros, e observado os adversários cegos por ação divina; teria testemunhado o cumprimento de impressionantes profecias em meio à guerra contra os sírios (cf. II Rs 6-7); teria talvez assistido aos últimos momentos do profeta, cerrando seus olhos para esta vida enquanto ele os abria para a eternidade...

A quem imitaremos?

Ao longo da História, os sábios e eternos planos de Deus, apesar da recalcitrância dos homens, sempre se realizam.

A nós cabe apenas escolher se seremos Eliseus ou Giezis; se nossa memória será uma bênção para a posteridade, ou se, pelo contrário, trará as marcas da maldição ou do esquecimento; se trabalharemos pela execução dos planos divinos, ou se neles figuraremos apenas como um desprezível borrão...

A escolha está em nossas mãos! ✚

...como surgiu a Salve Rainha?

De um extremo ao outro do orbe terrestre, todo católico fervoroso não deixa de elevar aos Céus a mais bela prece dedicada à Virgem Mãe de Deus: a Salve Rainha. Qual a sua origem?

Embora notícias mais seguras sobre a redação do hino mariano se encontrem apenas no fim do século XI, a autoria recai com maior frequência sobre o Beato Hermannus Contractus, também conhecido como Hermano de Reichenau (1013-1054). Segundo outras fontes, porém, Dom Ademar de Monteil, Bispo de Le Puy-en-Velay, teria sido seu compositor, ao invocar especial proteção da Virgem por ocasião da Primeira Cruzada em 1096.

Hermano foi enviado pelos pais a um mosteiro beneditino como oblato, onde recebeu exímia formação. Apesar da saúde frágil – tinha uma espécie de paralisia; no latim medieval, *contractus* significa *manco* –, com o



Aparição de Nossa Senhora ao Beato Hermannus, por Josef Ferdinand Fromiller - Abadia de Ossiach (Áustria)

passar dos anos ele se tornou dedicado polímata: foi teólogo, astrônomo, poeta, matemático, físico e músico, além de abade no Mosteiro de Reichenau, sul da Alemanha. No ocaso de seus dias, já privado da visão e entre angústias e esperanças, teria composto o hino da total confiança amorosa em Maria: a Salve Rainha.

No Natal de 1146, São Bernardo de Claraval encontrava-se na Catedral de Speyer, em missão pontifícia, quando ouviu o coro entoar a invocação em louvor da Santíssima Virgem. Cessado o cântico, reinou reverente silêncio no recinto sagrado e o próprio Santo acrescentou: “*O clemens! O pia! O dulcis Virgo Maria!* – Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria”. Daí em diante, a tríplice súplica passou a fazer parte integral da oração.

Com o tempo, o hino mariano ganhou notoriedade, sobretudo a partir de 1218, ao ser adotado como antífona final das Completas nos mosteiros cistercienses. Outras Ordens Religiosas escolheram a oração deprecatória para ocasiões diversas: em procissões, no fim das Missas, em exéquias... Por isso, em qualquer lugar neste vale de lágrimas, não se pode perder a oportunidade de rogar à Rainha dos Céus que dirija seus “olhos misericordiosos” a cada um de nós! ✦

...por que uma raça de cães tem o nome de um Santo?

São Bernardo de Menthon fundou em meados do século XI a Congregação Hospitaleira do Grande São Bernardo, formada por cônegos regulares, com o intuito de constituir mosteiro e hospedagens para peregrinos que cruzassem os Alpes pelo arriscado desfiladeiro entre Valais, na Suíça, e o Vale de Aosta, na Itália.

Entre os anos de 1660 e 1670, os cônegos passaram a utilizar mastins alpinos para guarda e companhia. Com o tempo, perceberam que aqueles cães conseguiam detectar pelo faro pessoas soterradas na neve e, quando isso sucedia, retornavam ao mosteiro para alertar os religiosos.

Mais tarde, o sistema de resgate se tornou tão organizado que, entre 1790 e 1810, Napoleão e duzentos e cinquenta mil soldados cruzaram o referido passo dos Alpes, hoje conhecido como São Bernardo, sem nenhuma baixa. Um dos cães, Barry, chegou a resgatar, no início do século XIX, mais de quarenta pessoas. Documentou-se que, até o fim desse século, os cachorros cuidados pelos religiosos teriam salvado mais de duas mil vidas.

Na década de 1880, para homenagear o fundador daquele centro de acolhimento de peregrinos, o nome da raça dos cães foi padronizado como *São Bernardo*. Já em 1923, Pio XI proclamou o Santo de Menthon padroeiro dos alpinistas. ✦

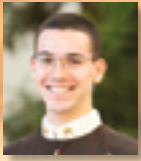
Cônego com cães da raça São Bernardo - Mosteiro e hospedagem da Congregação do Grande São Bernardo, Alpes do Valais (Suíça)





Vitória ou derrota, em nossas mãos

A grande batalha para conquistar o nosso supremo fim, a bem-aventurança, pode resultar numa imensa derrota como numa magnífica vitória. Tudo depende de nossa vontade de lutar.



Alessandro Tiso ✍



Gustavo Kraij

A firma Clausewitz,¹ célebre teórico da arte bélica, que uma das mais eficientes estratégias de combate consiste em vencer antes mesmo da batalha. Como? Fazendo com que o inimigo perca a vontade de lutar, seja pela tenacidade da resistência oposta, seja – de modo mais eficaz – pelo ímpeto que se promete. Ou seja, triunfa sem mesmo avançar aquele que subtrai ao adversário o desejo do combate, o ânimo de perseverar, a esperança de vencer.

E é essa a tática que os infernos planejam contra a humanidade de hoje. Velhaco consumado, o demônio possui experiência suficiente para perceber a vantagem de tal estratégia, pois por ela tem conquistado o mundo desde a queda original até os nossos dias.

Trocar o Céu pela terra

“A humanidade colocou seu grande sonho, sua grande expectativa nos bens materiais. E quem dá as costas aos bens eternos e espirituais, buscando sua realização nos terrenos, perde inteiramente a esperança verdadeira e acaba entrando em desânimo”,² observa Mons. João. Ora, qual é a relação entre esperança e dicotomia entre bens celestes e temporais?

O fim último do homem – responde São Tomás de Aquino com séculos de antecedência – é a bem-aventurança ou felicidade. Basta nos perguntarmos o que esperamos com os esforços que empreendemos: a posse de um bem, seja ele real ou aparente. A felicidade suprema, entretanto, deve necessariamente conter *todas* as alegrias e durar para *sempre*. Por isso, conclui o Doutor Angélico, “só em Deus consiste a bem-aventurança do homem”.³ Aquele que não dirige suas intenções para esse fim verá sua esperança defraudada, podendo cair no desespero.

Há dois modos de isso acontecer. Primeiramente, a “afetividade contaminada pelo amor dos prazeres corporais” leva a um menosprezo das realidades espirituais. Em segundo lugar, pelo “abatimento excessivo”,⁴ o homem julga difícil a conquista de um bem árduo, neste caso, o Céu. Em outras palavras, a consideração da inexistência de uma felicidade eterna ou a impossibilidade de alcançá-la são as duas razões que roubam a esperança. E também a vitória...

“Curando-se” com veneno

Subtraída a esperança, o que resta? A acídia. O Aquinate segue a definição

de São João Damasceno ao descrever tal defeito como “‘uma tristeza acabrunhante’ que produz no espírito do homem tal depressão que este não tem vontade de fazer mais nada. [...] Por isso, a acídia implica certo desgosto pela ação”.⁵ Em casos graves, ela chega a suprimir “a voz, porque a voz, mais que todos os movimentos exteriores, exprime os pensamentos e os sentimentos”.⁶

Por outro lado, a depressão, ao contrário da acídia, não é culposa em si mesma. Hoje ela é considerada uma doença cujas causas comportam uma complexa interconexão de fatores biológicos, genéticos, ambientais e psicológicos. A moralidade humana, por sua vez, pode sofrer influência dessa enfermidade, de modo a afetar inclusive o império do juízo.

Quando essa escolha da vontade exclui o sobrenatural, as amarguras tendem a multiplicar-se: sem norte, o homem procurará saciar nos prazeres sensitivos, como a gula ou a luxúria, sua sede infinita de felicidade. O resultado do processo é que, ao se entregar aos vícios e experimentar realmente certo prazer fugaz, ele desejará sempre mais, sentindo-se cada vez menos atendido: depois do gole vem

o copo; depois do copo, a garrafa; depois da garrafa, o tonel... e por fim – como bem se sabe – a frustração. É como medicar um enfermo com a própria causa da doença que se tenta combater.

Temos diante de nós, portanto, duas atitudes que transcendem os métodos clínicos em face da depressão, sem necessariamente excluí-los. De um lado, ações que agravam o mal: a busca intemperada do prazer sensitivo, em especial aqueles contrários à lei natural. De outro, impostações que vão desarmando a depressão: a esperança posta nos bens divinos.

A paixão da alma mais nociva ao corpo

A Sagrada Escritura lembra-nos de que “a tristeza apressa a morte” (Eclo 38, 19). Em contrapartida, a alegria prolonga a vida!

Mons. João⁷ exemplificava essa realidade recordando casos de doentes terminais que, não obstante o desengano, superaram todas as expectativas de sobrevivência. Os médicos, pasmos, após minucioso estudo chegavam à causa daquelas vidas teimosamente resistentes: a alegria, sobretudo quando repousada em princípios espirituais.

Com efeito, em 2022 veio a lume uma resenha analítica de duzentas e oito publicações relevantes, das quais se destacaram oito estudos, na qual se concluiu que “intervenção baseada na religião trazem efeitos superiores às terapias padrão ou outras comuns para o tratamento da depressão”.⁸

Por outro lado, segundo estudos recentes, a depressão pode provocar diversos problemas de saúde, como o aumento do risco de acidente vascular cerebral, diabetes e obesidade, “parcialmente devidas a desregulações metabólicas, imuno-inflamatórias, autonômicas e do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (HPA)”.⁹ Em larga medida, trata-se de um efeito da tristeza, a qual, “entre todas as paixões da alma, é a mais nociva ao corpo”.¹⁰

Toda tristeza é má?

A tristeza é uma paixão da alma e, enquanto tal, é neutra em si mesma.¹¹ De maneira que ela terá valor moral dependendo do seu objeto. Por exemplo, entristecer-se pela morte de um parente ou por um crime ocorrido faz parte da ordem natural.

Há ocasiões, entretanto, em que não resulta fácil distinguir se a tristeza é boa ou não. Podemos descobri-lo por seus frutos (cf. Mt 7, 16): será favorável quando promova nossa vida espiritual, prejudicial quando nos faça regredir.

O mesmo se diga da alegria. Nada como o santo júbilo proveniente da virtude, cujo maior tesouro é uma consciência tranquila, sobretudo após uma boa Confissão. Trata-se da alegria confiante daquele que se sente amado em toda e qualquer circunstância.

Quanta diferença, porém, entre as verdadeiras alegrias e as falsas! Na realidade, estas não podem receber propriamente o título de alegrias, pois são fugazes, vis, frustrantes...

A vitória do nosso século

Ora, o aumento da pseudoalegria precede e prenuncia o avanço da má tristeza.

A grande batalha para conquistar o nosso supremo fim – a bem-aventurança – pode resultar numa imensa derrota como numa magnífica vitória.

A derrota consistirá na desistência antes mesmo de lutar, antes de buscar os heroísmos da virtude, antes de experimentar as delícias da renúncia aos bens que passam, em favor dos que não passam. A aurora da vitória, por sua vez,

estará à minha espera já após os primeiros esforços na trilha da santidade.

Ao contrário do que prega o mundo anódino, a esperança do cristão consiste na firme convicção de que a vitória, em última instância, pertence a Cristo, que derramou seu Sangue do alto do Calvário para nos resgatar do pecado. Portanto, diante das dificuldades, tristezas e até enfermidades que abatem nosso ânimo, devemos sempre ter os olhos fixos na Cruz, a nossa única e inabalável esperança. ✚

¹ Cf. CLAUSEWITZ, Carl von. *De la guerra*. Barcelona: Obelisco, 2021, p.47.

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. São Paulo, 29/12/2007.

³ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.2, a.8.

⁴ Idem, II-II, q.20, a.4.

⁵ Idem, q.35, a.1.

⁶ Idem, I-II, q.35, a.8.

⁷ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. São Paulo, 11/1/2007.

⁸ MARQUES, Adilson et al. Religious-based Interventions for Depression: A Systematic Review and Meta-analysis of Experimental Studies. In: *Journal of Affective Disorders*. Amsterdam. N.309 (jul., 2022), p.289.

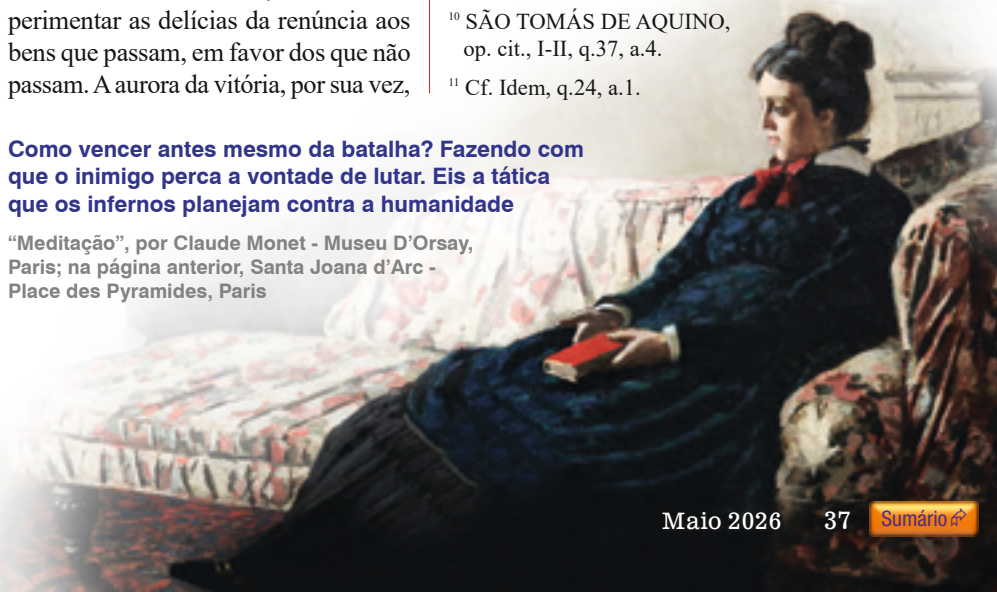
⁹ PENNINX, Brenda et al. Understanding the Somatic Consequences of Depression: Biological Mechanisms and the Role of Depression Symptom Profile. In: *BMC Medicine*. London. Vol.XI. N.129 (maio 2013), p.1.

¹⁰ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., I-II, q.37, a.4.

¹¹ Cf. Idem, q.24, a.1.

Como vencer antes mesmo da batalha? Fazendo com que o inimigo perca a vontade de lutar. Eis a tática que os infernos planejam contra a humanidade

“Meditação”, por Claude Monet - Museu D’Orsay, Paris; na página anterior, Santa Joana d’Arc - Place des Pyramides, Paris



São Tiago Menor, Apóstolo e Bispo de Jerusalém

Espelho de Cristo

Parente do Salvador, imitou-O na fidelidade e na imolação, tornando-se, afinal, uma imagem viva do Divino Mestre.



Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas ↗

A orfandade é um dos sofrimentos mais terríveis que um homem possa padecer. Algo semelhante a essa lancinante dor assaltou, sem dúvida, os Apóstolos quando Nosso Senhor subiu aos Céus. Aquele que tinham por Mestre, Modelo, Pai, Amigo e Redentor, partira... Uma nuvem O encobriu durante a Ascensão, e então tornou-se a todos patente que Jesus seria para sempre insubstituível!

Podemos imaginar os Apóstolos reunidos com Nossa Senhora naquele primeiro dia em que o universo parecia vazio sem a presença física do Salvador, ausência quicá mais terrível que a sentida no próprio sepultamento, pois agora, em lugar de uma pedra, a eternidade os separava do Bem-Amado.

É provável que quisessem relembrar os últimos momentos com o Divino Mestre celebrando uma Santa Missa. A primeira após a Ascensão! Mas quem presidiria tão solene ato? Uns optavam por Pedro, que possuía a primazia entre todos; outros por João, o Discípulo Amado, depositário dos segredos do Coração de Jesus. A dúvida dissipou-se quando, entreolhando-se, notaram Tiago, chamado “justo e irmão do Senhor”,¹ cuja fisionomia era tão parecida com a do Mestre, que levou Judas a dar o ósculo infame no Redentor para

que os soldados não O confundissem com o Apóstolo.

Não houve dúvida: ele deveria celebrar o Santo Sacrifício, para que todos rememorassem a face do Salvador! Que honra e que glória para este Apóstolo se assemelhar até fisicamente a seu modelo!

Primícias para Nosso Senhor Jesus Cristo

Filho de Cléofas Alfeu e Maria – citada nos Evangelhos como Maria de Cléofas – São Tiago tinha laços de parentesco com Jesus: sua mãe era prim-irmã de Nossa Senhora. Na instituição dos Doze, ele se diferencia de São Tiago Maior pelo aposto de “filho de Alfeu” (Mc 3, 18).

Apesar de o Apóstolo – segundo opinião de alguns historiadores – ser pelo menos dez anos mais velho que o Redentor, é de se crer, pela afinidade, que eles convivessem desde a infância. Ademais, seria natural que Tiago acompanhasse com admiração o crescimento de Jesus em sabedoria e em graça (cf. Lc 2, 40), razão pela qual o encontramos ao seu lado desde os primeiros anúncios da Boa-Nova.

Contudo, transcendendo os vínculos de consanguinidade, sua vocação remontava-se aos arcanos divinos, antes



Reprodução

de seu nascimento, pois por inspiração divina sua mãe o oferecera como nazareno, isto é, consagrado ao Senhor desde o ventre materno. Tiago seria ao mesmo tempo primo do Verbo Encarnado e consagrado a Ele desde a concepção. E o quanto se sabia amado gratuitamente por Deus, o Apóstolo deixaria transparecer mais tarde, em sua epístola: “Todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e desce do Pai das luzes. [...] Por vontade própria Ele nos gerou pela palavra da verdade, a fim de sermos como que as primícias dentre suas criaturas” (1, 17-18).

O designio que pairava sobre sua família evidenciou-se ao longo da vida pública de Jesus: seu pai foi um dos discípulos a quem o Divino Mestre apareceu em Emaús, após a Ressurreição; sua mãe, companheira inseparável de Maria Santíssima e uma das Santas Mulheres, esteve aos pés da Cruz no Calvário; um dos seus irmãos, José, chamado “Justo”, contava-se entre os setenta e dois discípulos; outro, Judas Tadeu, foi Apóstolo como Tiago; e um terceiro, Simeão, tornou-se o segundo Bispo de Jerusalém...

Contudo, a Tiago caberia um papel primordial, do qual consideraremos alguns traços.

À espera do glorioso despontar da Ressurreição

Pouco mencionam os Evangelhos sobre a biografia e os feitos deste primo do Mestre durante os intensos anos de convívio com Ele até a Paixão. Segundo antigas tradições da Igreja, Tiago nutria por Jesus tão particular afeição, que a dor por sua Morte o fez prometer jejum até se cumprir a profecia da Ressurreição. Destarte, no domingo da Páscoa, Cristo apareceu a ele antes mesmo de Se comunicar aos demais.

Com efeito, São Jerônimo endossa uma tradição segundo a qual o Senhor, após o romper da pedra, veio ao seu encontro e, tomando entre suas gloriosas mãos um pão, abençoou-o, partiu-o e o apresentou a Tiago: “Meu irmão, comei vosso pão, porque o Filho do Homem ressuscitou dentre os mortos!”²

A familiaridade dessa aparição confirma-nos na impressão de que ambos se amavam como irmãos e oferece-nos, ademais, um detalhe marcante: apesar dos trágicos momentos da Paixão, São Tiago guardara com veneração as palavras do Mestre e acreditara nelas, pois a confiança na Ressurreição confirmou-o na fé. Assim, mais tarde dirá: “Feliz o homem que suporta a tentação. Porque, depois de sofrer a provação, receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que O amam” (Tg 1, 12). No mesmo sentido aconselhará aos fiéis de toda a Igreja a ter paciência “até a vinda do Senhor” (Tg 5, 7), e a alimentar uma fé íntegra, pois “o homem que vacila assemelha-se à onda do mar, levantada pelo vento e agitada de um lado para o outro. Não pense tal pessoa que receberá alguma coisa do Senhor” (Tg 1, 6-7).

Aos ouvidos relativistas de hoje, tais palavras soam um tanto duras, demasiado “radicais”.... Tiago podia ser exigente com seus ouvintes, porque sua própria conduta

era irrepreensível, modelo de fiel cumpridor das palavras do Senhor (cf. Tg 1, 22), um homem que sempre demonstrava a sua fé pelas obras (cf. Tg 2, 18), como *leitmotiv* de toda sua vida. Esta conduta impoluta o aureolara com o respeito e a estima de seus irmãos em Cristo, e até mesmo dos judeus, entre os quais gozava de relevante prestígio.

A pluma do Apóstolo das Gentes dá-nos notícia de uma segunda visita do Divino Mestre a Tiago nos dias sucessivos à Ressurreição. Escrevendo aos coríntios, São Paulo narra que o Senhor “apareceu a Cefas e, em seguida aos Doze. Depois apareceu a mais

de quinhentos irmãos de uma vez, dos quais a maior parte ainda vive, enquanto alguns já adormeceram; depois apareceu a Tiago, em seguida a todos os Apóstolos” (I Cor 15, 5-7).

Ao manifestar-Se de modo tão particular a Tiago, queria Nosso Senhor confirmá-lo em sua missão, dando-lhe papel de relevância entre os fiéis da Igreja primitiva, para a qual deveria ser, de alguma forma, a sua própria imagem.

O herdeiro de Jerusalém

A Igreja de Jerusalém, primogênita das Igrejas da Ásia e do mundo inteiro, foi estabelecida por Jesus Cristo que, pouco antes da Ascensão, confiou-a a São Tiago. Tratava-se de um gesto extremamente fraternal e simbólico, pois Nosso Senhor legou a Pedro, Príncipe dos Apóstolos, o trono do mundo, a Cidade de Roma; mas a Tiago deixou sua própria herança, a Cidade do Filho de Davi.³

Esse privilégio conferiu-lhe certa proeminência no Colégio Apostólico; todos respeitavam seu cargo, admiravam sua virtude. O testemunho deixado por São Paulo ao mencionar em primeiro lugar o nome de Tiago entre as “colunas da Igreja” (Gal 2, 9), mostra o quanto sua autoridade foi considerada desde os primeiros tempos, como símbolo de união e fidelidade ao Salvador.

O cânon do Novo Testamento conservou outras alusões a essa autoridade. Encontramos, por exemplo, na última das epístolas católicas: “Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos eleitos bem-amados em Deus Pai e reservados para Jesus Cristo” (Jd 1, 1). Semelhantemente, nararam os Atos dos Apóstolos que, preso por ordem de Herodes, Pedro foi libertado por um Anjo e, antes de fugir da cidade em busca de segurança, recomendou que os fiéis contassem tudo “a Tiago e aos



Francisco Leccaros

O desígnio que pairava sobre a família evidenciou-se ao longo da vida de Jesus. Mas a Tiago caberia um papel primordial

“Família de Alfeu e Maria de Cléofas com seus quatro filhos” - Museu de Belas Artes, Gante (Bélgica); na página anterior, São Tiago Menor - Igreja de São Domingos, Arezzo (Itália)

irmãos” (At 12, 17), indicando assim a deferência que tinha para com o Bispo de Jerusalém.

De fato, no Concílio de Jerusalém, por volta do ano 50, durante o qual foram tratadas controvérsias apresentadas por Paulo e Barnabé a respeito dos obstáculos criados na evangelização dos pagãos por certos costumes judaicos, foi São Tiago quem, ouvindo um e outro, ditou a regra geral que a Igreja haveria de assumir doravante: “Julgo que não se devam molestar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus” (At 15, 19).

Uma epístola-testamento

A fama de São Tiago se espalhou de tal maneira pelas regiões da Ásia Menor, que muitos cristãos viajavam até Jerusalém apenas para vê-lo. Santo Inácio de Antioquia, em carta ao Apóstolo São João, manifesta o desejo de conhecer o “venerável Tiago, apodado Justo, do qual dizem ser semelhante a Cristo Jesus pela figura, gênero de vida e comportamento, como se fossem irmãos gêmeos nascidos da mesma mãe”.⁴ O mártir de Antioquia ainda acrescenta ter ouvido dizer que quem olhasse para Tiago, encontraria o próprio Jesus e todos os seus traços fisionômicos.⁵

A graça de contemplá-lo não nos foi concedida, mas podemos entrever a personalidade deste Apóstolo pela única epístola de sua autoria que a tradição nos legou. Encontramos ali uma meditação e uma aplicação das palavras do Divino Mestre à vida cotidiana dos fiéis nos primeiros tempos, mas que ecoa ainda hoje, com tanta atualidade como naqueles dias.

Na maioria desses primeiros cristãos provindos do judaísmo, havia uma

velada oposição entre aquilo que acreditavam e a forma como viviam. Para São Tiago só a integridade pode responder ao desafio da santidade: “Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não” (5, 12), dirá, a exemplo de Jesus. “Aproximai-vos de Deus, e Ele Se aproximará de vós. Lavai as mãos, pecadores, e purificai os vossos corações, ó homens dúbios” (4, 8)... Lembremos que a hipocrisia já cobrara algumas vítimas em sua comunidade como Ananias e Safira (cf. At 5, 1-11), era preciso, portanto, extirpá-la pela raiz. Aos íntegros, pelo contrário, o Santo promete que até o demônio “fugirá para longe” (4, 7) deles.

Nota-se em suas palavras uma pessoa de princípios, coerente, sincera: “Aquele que souber fazer o bem, e não o faz, peca” (4, 17), pois “assim como o corpo sem a alma é morto, assim também a fé sem obras é morta” (2, 26). Cabe mostrar “com um bom proceder as suas obras repassadas de doçura e de

sabedoria” (3, 13). O Apóstolo suplica: “Meus irmãos, não faleis mal uns dos outros” (4, 11), pois “haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia” (2, 13).

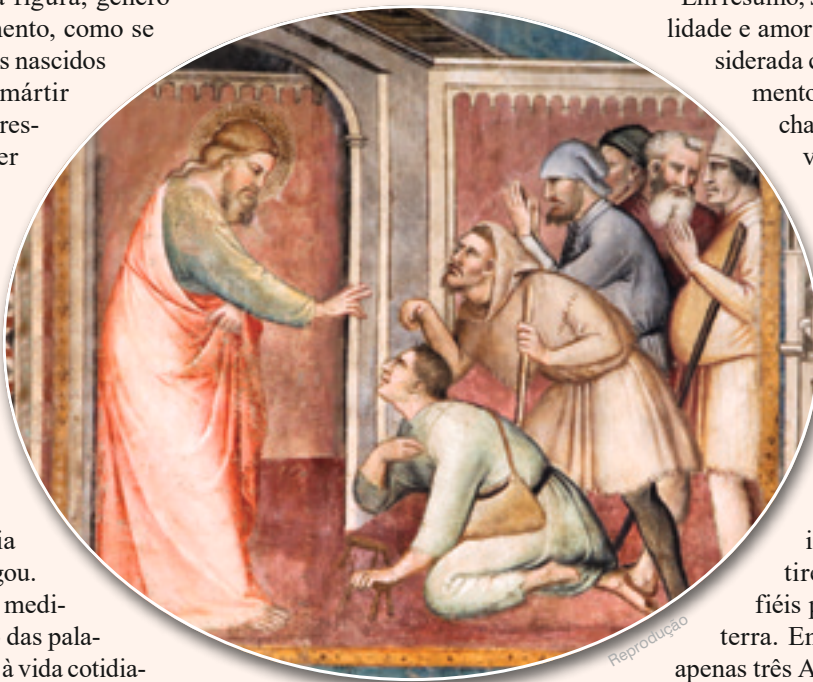
Unindo, pois, radicalidade e suavidade, São Tiago não deixa de lado a simplicidade evangélica: “Alguém entre vós está triste? Reze! Está alegre? Cante” (5, 13). E, como bom pastor, deseja novamente reunir as ovelhas extraviadas do seu rebanho: “Aquele que fizer um pecador retroceder do seu erro, salvará sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados” (5, 20).

A Epístola de São Tiago contém ainda, detalhadamente, a doutrina do Sacramento da Unção dos Enfermos: “Está alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o restabelecerá. Se ele cometeu pecados, lhe serão perdoados” (5, 14-15).

Em resumo, sua carta, cheia de fidelidade e amor a Jesus, pode ser considerada como seu melhor testamento, pois São Tiago seria chamado a selar suas palavras com o testemunho de seu próprio sangue.

O fim santo de uma vida santa

Depois da primeira perseguição aos cristãos de Israel, que ceifou a vida de Estêvão e Tiago Maior, levando-os a inaugurar o ilustre cortejo dos mártires, dispersaram-se os fiéis pelos quatro cantos da terra. Em Jerusalém restaram apenas três Apóstolos: Pedro, Tiago Menor e João. Seguiram-se vinte anos de paz e de expansão, período que conduziu para longe Pedro e João, a fim de assumirem outras sedes episcopais da Igreja nascente.



A fama de São Tiago se espalhou pela Ásia e muitos cristãos viajavam até Jerusalém apenas para vê-lo

São Tiago Menor cura os enfermos - Igreja de São Domingos, Arezzo (Itália)

Por volta do ano 60, nova perseguição se desencadeou contra a Igreja de Jerusalém. Paulo, que se encontrava fortuitamente em visita, foi preso e trasladado a Roma, o que acabou propiciando que todo o ódio do Sinédrio se voltasse contra Tiago, que permanecia à frente dos fiéis da Cidade Santa.

É pelo historiador Flávio Josefo,⁶ testemunha ocular dos fatos, que conhecemos os detalhes do acontecido. Segundo aponta, aproveitando o interstício entre a morte do governador Festo e a chegada de Albino, nomeado em seu lugar, o sumo sacerdote prendeu Tiago, fê-lo comparecer diante do Sinédrio e condenou-o à lapidação.

Hegesipo, judeu converso daqueles tempos, ao transmitir a tradição que as primeiras comunidades guardaram do martírio de seu pastor, acrescenta que o Sinédrio obrigou o Apóstolo a subir ao pináculo do Templo e, enquanto declarava a divindade de Jesus, de lá precipitaram o Justo.⁷ Como sobrevivesse à queda, os fariseus se lançaram sobre ele para apedrejá-lo e um dos presentes golpeou sua cabeça com um maço, encerrando assim sua vida e seu martírio.

Os cristãos tomaram com veneração o corpo do Apóstolo e o enterraram junto ao Templo, e muitos judeus que reprovaram o fato quiseram ver neste iníquo assassinato uma das causas da destruição da Cidade Santa, daquela Jerusalém que matara o Redentor e os profetas, e que se tornara uma vez mais culpada pelo sangue dos inocentes.⁸

Completo em si a fisionomia de Cristo

“Lembraí-vos de vossos guias que vos pregaram a Palavra de Deus.



Francisco Lecaros

O martírio tão heroicamente enfrentado selou na alma de Tiago a fisionomia de Cristo sofredor, completando nele o que lhe faltava para seguir os passos do Cordeiro Imolado

“Martírio de São Tiago Menor” (editado) - Igreja de São Domingos, Arezzo (Itália)

Considerai como souberam encerrar a carreira. E imitai-lhes a fê” (Hb 13, 7-8). Eis o conselho consignado na Carta aos Hebreus, eventualmente se referindo ao martírio de Tiago, “irmão do Senhor”, aquele que por altíssimo desígnio ostentara em sua fisionomia, qual espelho puríssimo, a face sagrada do Salvador.

Entretanto, a grandeza deste Apóstolo não está apenas em sua semelhança física com Jesus, mas, sobretudo, em ter configurado sua alma com a

de Cristo, assumindo em si os traços da personalidade do Mestre, com suas virtudes e sofrimentos. O martírio tão heroicamente enfrentado selou na alma de Tiago a fisionomia de Cristo sofredor, completando nele o que lhe faltava para seguir os passos do Cordeiro Imolado.

São Tiago é, assim, um exemplo para nossos dias: completemos em nossas almas a imagem de Cristo, qual espelho reluzente, ao imitar com integridade a Nosso Senhor no caminho da cruz! ✚

¹ Cf. SÃO JERÔNIMO. *De viris illustribus*, c.II: PL 23, 639.

² Idem, 643.

³ Cf. MAISTRE, Étienne. *Histoires de Saint Philippe, Saint Barthélemy, Saint*

Matthieu, Saint Thomas et Saint Jacques-le-mineur. Paris: F. Watteliet, 1870, p.394.

⁴ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epistola ad*

S. Ioannem Apostolum et Evangelistam: PG 5, 943-944.

⁵ Cf. Idem, 944.

⁶ Cf. FLÁVIO JOSEFO. *Antiguidades judaicas*. L.XX, c.9.

⁷ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA. *Historia ecclesiastica*. L.II, c.23: PG 20, 202.

⁸ Cf. SÃO JERÔNIMO, op. cit., 642.



Socorro eficaz nas pequenas e grandes ocasiões

A uma mãe se pede tudo: desde assistência para resolver problemas intrigados, até auxílio nos contratempos do dia a dia. E a invariável bondade com que somos atendidos torna-se penhor de confiança.



✦ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**

“**D**ona Lucilia!” é o primeiro pensamento que, como uma prece, acorre aos lábios e ao coração de grande parte de seus devotos em qualquer dificuldade. Alguns encomendam a seu cuidado maternal pequenos assuntos do dia a dia, outros buscam solução para grandes dificuldades; e ela vai sempre atendendo uns e outros, de modo discreto, respeitando os tempos da graça próprios à vida espiritual de cada um.

Ora, Dona Lucilia às vezes encontra corações um tanto hesitantes para

com sua ação... Isso não é, contudo, obstáculo para seu desvelo maternal, que sobrepõe amorosamente os empecilhos da incerteza.

Vejamos como ela confirmou a eficácia de sua ação nos grandes e nos pequenos casos que narramos a seguir.

Em meio à tribulação, o encontro com Dona Lucilia

Da. Cássia Oliveira e seu esposo atravessavam uma dura provação: haviam perdido um bebê cerca de dois meses antes do parto e o tempo se

passava sem que fossem consolados pela vinda de um novo filho. Ademais, complicações de saúde vieram a tornar ainda mais remota essa possibilidade, situação que muito os entristecia.

Certa vez, em visita à cidade de Cotia, depararam-se com a Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima e decidiram assistir à Santa Missa. Ao término da Liturgia, aproximaram-se para cumprimentar o celebrante, como é costume entre os fiéis. Aproveitaram a oportunidade para relatar ao sacerdote arauto suas dificuldades e pedir-lhe uma bênção para que pudessem ter um filho.

O padre acedeu, animando-os na esperança de alcançarem a graça no período de um ano... E antes que o



Basilica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Cotia (SP)

O casal se deparou com a basílica dos Arautos em Cotia, e decidiu relatar ao sacerdote suas dificuldades e lhe pedir uma bênção

julgassem temerário, explicou-lhes que entregaria o caso nas mãos de Dona Lucília, relatando de modo sucinto quem era ela e como atendia com presteza os pedidos feitos com fé. Recomendou que rogassem a intercessão dela e que, se fossem atendidos, retornassem para batizar ali seu novo rebento, como penhor de gratidão.

O nascimento tão esperado

Assim narra Da. Cássia: “No mês seguinte, em setembro, descobri que estava grávida! Meu esposo e eu ficamos muito felizes! Estava certa de que tinha alcançado a graça e disse: ‘Vamos ter de pagar essa promessa!’ A gestação foi bastante turbulenta. Estive por vezes internada, com muita insegurança e medo de perder o bebê, mas sempre confiando em Deus; e passei a confiar também na intercessão de Dona Lucília, pedindo sempre o auxílio dela”.

Seu filho, Gregório, afinal nasceu muito saudável e, conforme prometido, foi batizado na mesma igreja onde seus pais receberam a promessa do auxílio de Dona Lucília. Contudo, Da. Cássia manteve certa reserva em relação à sua intercessora, sentindo-se temerosa de confiar por inteiro nela: “Confesso que agradei muito as bênçãos, acreditei plenamente que houve a intercessão do sacerdote, que ele tinha sido o canal dessa graça, mas eu continuava um pouquinho relutante, pois pensava: ‘Dona Lucília ainda não é canonizada, então será mesmo santa?...’ Não sabia bem o que pensar. Claro que eu acredito que as pessoas que têm uma vida exemplar e deixam esse legado em vida, estão na glória de Deus; mas, mesmo assim, algo me impedia de escrever o meu testemunho”.

Da. Cássia foi, então, deixando o tempo passar.

Novo apuro, novas preces

De repente, uma nova necessidade reconduziu seu olhar a Dona Lucília.

Da. Cássia é professora e, como em todo início de ano letivo, houve uma

Reprodução



Reprodução

*“Dona Lucília, mãe nossa, ajudai-me!”
teria sido sua última palavra nesta vida, não fosse o socorro imediato de sua protetora*

Da. Maria Fernanda após o acidente, com uma fotografia de Dona Lucília nas mãos; acima, o seu veículo

noturnas, iria mandar um relato e contar que recebi duas bênçãos em minha vida”.

Informando-se melhor sobre a história de Dona Lucília e pesquisando a seu respeito nas redes sociais, Da. Cássia foi se convencendo de que seria atendida. Restava apenas saber quando e como isso se daria.

Segunda intervenção de Dona Lucília

Quiçá para estimular a fé de Da. Cássia, a Providência quis atendê-la aos poucos e exigir dela a insistência na oração.

Às vésperas do início das aulas, um inesperado e penoso falecimento obrigou a diretoria a mudar a carga horária de vários docentes, possibilitando que Da. Cássia recebesse quase todos os horários diurnos que desejava. Só lhe restaram três aulas à noite; portanto, ficaria apenas uma noite longe do filho. Da. Cássia, porém, persistiu na oração, pois almejava a graça completa e já estava confirmada na certeza de que Dona Lucília a obteria de Deus.

E continuou aguardando: “Eu nem imaginava como isso poderia acontecer... Passaram-se dois dias e a

reestruturação de horários no colégio em que trabalha, o que a obrigou a aceitar algumas aulas no período noturno. Vendo que isso afetaria muito sua rotina como mãe e a obrigaria a passar muito tempo longe do filho, não duvidou em pedir auxílio a Dona Lucília. “Senhor, sei que há tantos problemas piores do que o meu, tanta gente doente”, pensava ela, “mas essa é a minha realidade hoje, esse é o pedido que tenho a fazer: que eu seja dispensada dessas aulas à noite e consiga dar aulas durante o dia”.

Com muita confiança, Da. Cássia fez uma novena a Dona Lucília, fitando com fervor a mesma fotografia recebida tempos antes, em sua primeira visita à Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Prossegue a narração: “Rezei: ‘Dona Lucília, eu peço sua intercessão novamente. A senhora está ao lado de Deus, já me ajudou da primeira vez; então, peço a sua intercessão’. Também fiz um propósito: se desse tudo certo, se eu não precisasse ficar com as aulas

professora que tinha as outras aulas diurnas, ou seja, as que eu queria, disse-me: ‘Cássia, estou entrando em contato com você porque vou deixar as aulas diurnas. Não vou conseguir ministrar essas aulas porque estou em outra escola. Queria saber se você pode trocar comigo: você pega essas aulas durante o dia, e eu fico com as aulas da noite’”. Era a solução perfeita para o caso!

Um acidente letal

Para Da. Maria Fernanda Alves Aguiar, residente em Maringá, a súplica “Sra. Da. Lucília, mãe nossa, ajudai-me!” teria sido sua última palavra nesta vida, não fosse o socorro imediato que a bondosa dama lhe concedeu no momento de um grave acidente de trânsito, ocorrido na BR-376.

Da. Maria Fernanda trabalha na cidade de Marialva, a poucos quilômetros de Maringá. Certo dia, a caminho de casa, dirigia pela pista de circulação lenta da rodovia quando um caminhão bitrem, cujo motorista parecia ter mais pressa do que ela, começou a ultrapassá-la.

Durante a manobra, porém, o caminhão colidiu contra o pneu traseiro esquerdo do veículo de Da. Maria Fernanda, fazendo-a perder o controle: “Meu carro rodopiou, foi arremessado na frente do caminhão – que continuava avançando na faixa da esquerda – e empurrado por alguns longos segundos... Pensando que o carro não ia parar, eu literalmente gritei: ‘Sra. Da. Lucília, mãe nossa, ajudai-me!’”

“Você é muito protegida!”

Analisando posteriormente o episódio, Da. Maria Fernanda confessou que seu grito de angústia não visava a conservação de sua vida, pois percebeu logo que o acidente seria fatal. Ela pediu, naquela súplica, que fosse Dona Lucília sua advogada ante o supremo



Pintura a óleo feita com base em uma das últimas fotografias de Dona Lucília, tirada em 1968

O pedido era simples, mas nos momentos de ansiedade as minúcias tomam grandes proporções, e Dona Lucília, como mãe, entende bem isso

tribunal de Deus, e implorava pela salvação de sua alma.

Ora, Dona Lucília obteve da Providência que ela fosse poupada e que sua permanência nesta vida se tornasse testemunho do poder sobrenatural. Mal bradou o nome de sua celeste intercessora, Da. Maria Fernanda viu seu veículo – que até então continuava sendo

empurrado a toda velocidade pelo caminhão – deter-se, não se sabe como, no canteiro central da rodovia, enquanto o caminhoneiro seguia seu trajeto sem lhe prestar qualquer tipo de socorro.

Como para confirmar a proteção do Céu, o carro acidentado parou entre uma placa e um poste, não colidindo com nenhum dos dois, o que teria sido letal na velocidade em que estava. Além disso, fato ainda mais notável, Da. Maria Fernanda não sofreu sequer um arranhão! Algumas pessoas acorreram ao local, pensando haver ali um morto ou pelo menos alguém gravemente ferido, e não puderam esconder sua surpresa ao verem-na sair do veículo sã e salva. Houve quem exclamasse: “Olha, você é muito protegida... Pensei que você fosse morrer!”

Da. Maria Fernanda perdeu o automóvel, mas o que significa um prejuízo material se comparado ao valioso dom da vida? Muito agradecida para com sua intercessora celeste, reconhece que muito deve a Dona Lucília pelo auxílio constante que dela recebe em todas as circunstâncias do dia, numa vida que tomou a seus olhos outro valor depois de tão trágico acontecimento.

Invisível aos olhos dos seguranças...

A uns, Dona Lucília socorre em casos extremos, como o que acabamos de acompanhar; a outros, auxilia discretamente em dificuldades do dia a dia. É o que nos atesta, de Portugal, Da. Bernardete Monteiro, que comprovou sua intervenção numa necessidade corriqueira.

Assim se inicia seu relato: “No ano passado, apareceu na boca de minha mãe uma afta muito grande. Tivemos de ir ao médico com certa urgência, porque ela estava com muita dor e sentia mal-estar ao comer”. Como o problema podia ser pior do que aparentava,

a médica de plantão indicou alguns procedimentos e exames mais apurados.

“Fomos à médica da família, que nos enviou a um hospital. Ali, na parte das urgências, eu não poderia acompanhar minha mãe, teria de ficar numa sala para os familiares. Então pedi a Dona Lucília que me ajudasse a entrar com minha mãe, que os seguranças não percebessem minha presença e que eu a pudesse acompanhar até a sala de atendimento”. O pedido era simples, mas nesses momentos de ansiedade as minúcias tomam grandes proporções; e uma boa mãe, como Dona Lucília, compreende bem isso.

A dificuldade começou quando uma das enfermeiras alertou Da. Bernardete de que não lhe era permitido circular naquele local. Ela intensificou seu pedido a Dona Lucília; e foi atendida, pois dali em diante ninguém mais a molestou: “O certo é que eu parecia ‘a mulher invisível’, porque os seguranças passavam e chamavam a atenção de outros familiares ali presentes, avisando que precisavam se retirar e esperar fora, e a mim não diziam nada; a enfermeira que nos atendeu certamente via-me, mas também não me disse nada...”

Conclui Da. Bernardete: “Sei que foi Dona Lucília que me ajudou e me amparou naquele dia. No final da consulta, tivemos a boa notícia de que se tratava de uma afta comum, que apenas precisava ser tratada. É um testemunho muito simples, mas relativo a um dia de grande sofrimento, em que senti claramente a ajuda de Dona Lucília. E eu prometi publicar este benefício recebido por intercessão dela”.

Sua e luminoso sorriso

A aumentar o número de suas pequenas e discretas intervenções, encontramos Dona Lucília resolvendo uma outra dificuldade também caseira, mas de aparência irremediável, na cidade de Fortaleza.

Da. Patrícia Paz, seu esposo e seus filhos aguardavam ansiosos a visita de

dois irmãos dos Arautos do Evangelho, que trariam o Oratório do Imaculado Coração de Maria ao seu lar. Estava tudo preparado e os arautos já a caminho, quando aconteceu o que conta Da. Patrícia:

“Faltando cerca de trinta minutos para o horário marcado, dez horas da manhã, a energia da nossa casa simplesmente acabou. Para a nossa realidade, era um problema que tornaria a visita inviável, pois o local onde moramos é muito quente e precisaríamos do ar-condicionado ou pelo menos do ventilador funcionando para conseguir permanecer na sala de estar. E como seria possível, se estávamos sem energia?!”

Para findar a já minguada esperança de todos, seu esposo recebeu pelo celular um aviso da empresa elétrica, comunicando que o sistema de fornecimento de luz estaria em manutenção até as quinze horas, em toda a região...

Que decepção! O que poderiam fazer? A solução fugia completamente de suas mãos. Ambos pensaram em cancelar o compromisso, mas os arautos já estavam por chegar... Da. Patrícia, então, lembrou-se de Dona Lucília:

“No mesmo instante, pedi a intercessão de Dona Lucília, e a energia voltou! Nossa Senhora chegou logo em seguida com nossos estimados irmãos. Fizemos nossas orações a Ela; tivemos nosso momento de convivência e tiramos uma fotografia para registrar a visita. Logo depois, a energia faltou novamente. Dona Lucília nos valeu com seu

auxílio para experienciar o Céu naquele dia!”

Uma vez mais, fazendo jus a seu nome que evoca a luz, Dona Lucília iluminou com sua presença uma situação embaraçosa, convidando também a nós a abandonarmos em suas mãos os problemas de nossa vida, sejam eles pequenos ou grandes, na confiança de seu pronto e eficaz auxílio. ✦

Tendo pedido a intercessão de Dona Lucília, a energia elétrica voltou, e a família pôde receber a esperada visita de Nossa Senhora



Família de Da. Patrícia, em companhia dos dois arautos que visitaram o seu lar

Reprodução

Unidos ao Redentor em sua Paixão e Ressurreição

Apice do Ano Litúrgico, as celebrações do Tríduo Pascal são ocasião de inúmeras graças para os que dela participam. Ilustram estas páginas algumas das cerimônias realizadas nas diversas igrejas e comunidades dos Arautos do Evangelho. Em terras brasileiras, na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP); na Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Cotia (SP); na Paróquia Jesus Bom Pastor, na Cidade Estrutural (DF); e nas casas dos Arautos em Campo Grande e Maringá (PR). Fora do território nacional, no Santuário Nossa Senhora do Sameiro em Braga, Portugal; no Santuário Eucarístico Maria Francisca de las Llagas em Cununyacu, Equador;

na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, e no Oratório Nossa Senhora da Reconquista, em El Retiro, ambos na Colômbia; na Igreja Mãe do Bom Conselho em Ypacaraí, Paraguai; na igreja em construção em San Salvador, cuja Celebração da Paixão do Senhor foi presidida por Dom Luigi Roberto Cona, ex-Núncio Apostólico em El Salvador, nomeado para a Síria; e na casa dos Arautos na Cidade da Guatemala. Destacamos também as Vias-Sacras realizadas na casa dos Arautos em Maputo, Moçambique, e na Capela Santa Inês, em Mairiporã (SP); bem como a celebração do Domingo de Ramos na casa dos Arautos em Fortaleza.



Mairiporã (SP)



Fortaleza



Moçambique



Paraguai



Cotia (SP)



Portugal



Caieiras (SP)



Guatemala



El Salvador

María, José Feliz

Savannah Adriano

Ivano Abubacar

Diego Brites

Sérgio Caspary

Nuno Moura

Stephen Nami

Roberto Salas

Sebastián Cadavid



Fotos: Sérgio Céspedes



Cotia (SP)



Cotia (SP)



El Retiro (Colômbia)

Josué Sánchez

Sérgio Céspedes



Cotia (SP)



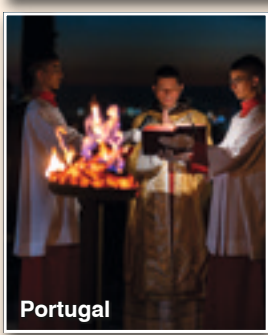
Equador



Paraguai

José Carlos Centurion

Nuno Moura



Portugal



Maria Fernanda Aguiar

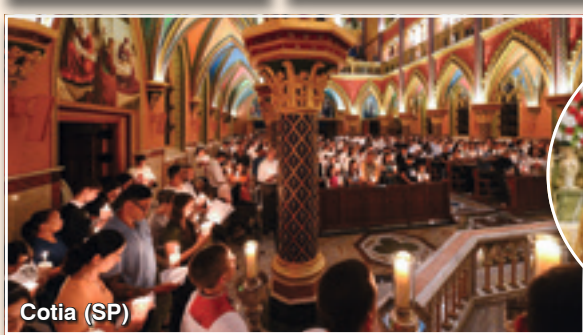
Maringá (PR)



Tocancipá (Colômbia)

Jesse Arce

David Domingues



Cotia (SP)



Caieiras (SP)



Campo Grande

David Stüeppe

Diego Brites



Paraguai



Thalza Mendes

Cidade Estrutural (DF)



El Retiro (Colômbia)

Alejandro Restrepo



Fotos: Weverton Cunha



Juiz de Fora (MG) – Atingidos pelas últimas enchentes, os moradores do Bairro Vila Ideal receberam, no dia 2 de março, a reconfortante visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, ocasião em que foram distribuídos alimentos, colchões, produtos de limpeza e material de higiene pessoal.

Juan Diego Herrera



Ivo Criollo

Equador – Em Cuenca, a Imagem Peregrina recebeu calorosa homenagem por parte dos alunos do Instituto Educativo Ausubel (foto 1) e do grupo de catequese do Colégio Nossa Família (foto 2). Em Salinas, no dia 10 de março, prestaram-lhe suas homenagens os militares da Base do Exército para o Grupo de Artilharia 5, Atahuapa.

Fotos: Laercio Peixoto



Fortaleza – No dia 26 de março, a Câmara Municipal de Fortaleza homenageou os Arautos do Evangelho, em sessão solene presidida pelo Vereador Jorge Pinheiro, que destacou a atuação dos membros da entidade na formação cristã da sociedade e no auxílio espiritual à comunidade.



Escravos de amor a Jesus, por Maria

Entre os meses de fevereiro e março, novas turmas do curso oferecido pela Plataforma de Formação Católica Reconquista fizeram sua solene consagração como escravos de amor a Jesus, por meio de Maria, segundo o método de São Luís Grignon de Montfort. Destacamos as cerimônias realizadas nas cidades brasileiras de Goiânia, Joinville (SC),

Cotia e Caieiras (SP); bem como nos Estados Unidos – celebração presidida por Dom Timothy Freyer, Bispo Auxiliar de Orange –, México – em Xochimilco, celebração presidida por Dom Juan María Huerta Muro, OFM, Bispo Diocesano –, República Dominicana, Colômbia, Equador, Chile, Paraguai e Argentina.

Stephen Nami



Caieiras (SP)



Estados Unidos



Xochimilco (México)

Romy Fischer

David Bedoya



Colômbia



Cidade do México

Romy Fischer



Paraguai

Stefano Pigliacelli

Emerson Júnior



Cotia (SP)



República Dominicana

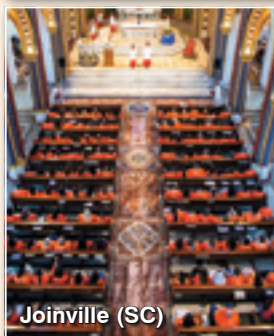
Juan Tomás Tavares



Equador

Ivo Cricollo

João Paulo Rodrigues



Joinville (SC)



Argentina

Alejandro Cosjanitini



Chile

Marcelo Zanetti



Goiânia

Henrique Souza

Reflexão, serenidade e juízo na arte de Vermeer

Há obras de arte que impactam por sua perfeição técnica, realismo e vivacidade, convidando-nos a ir além... Ao entrarmos numa atmosfera de mistério, percebemos pouco a pouco suas diferentes “peças”, numa composição que parece querer nos transmitir uma mensagem.

✎ Santiago Vieto Rodríguez



O pouco que se conhece da vida de um dos maiores mestres da pintura barroca dos Países Baixos, Johannes Vermeer (1632-1675), parece indicar que, apesar de nascido em meio ao protestantismo predominante naquelas terras, ele ingressou na Igreja Católica, por influência de sua esposa e com ajuda dos jesuítas. Alegam os estudiosos que isso explicaria o fato de seus quinze filhos terem recebido o Batismo católico, bem como possuir um estilo “imaginário ortodoxo” por ele usado em obras como a *Alegoria da fé*.

Artista enigmático – dedicado quase exclusivamente à pintura de gênero¹ na esfera temporal, com estilo costumbrista –, conseguiu ele criar em suas obras uma atmosfera única, com ares de religiosidade que até hoje intriga leigos e expertos.

Convidamos o leitor a analisar atentamente o quadro aqui apresentado, conhecido como *Vrouw met Weegschaal*, no original neerlandês, traduzido por *Mulher com balança*, despretensioso título que deixa o apreciador livre para tirar suas próprias conclusões.

Em exímia demonstração que justifica o apodo dado a Vermeer de *Mestre da luz*, contemplamos um claro-escuro

forte, mas sutil, com o melhor de um Caravaggio, mas sem excessiva teatralidade. Dando espaço à luz para difundir-se através de um véu dourado, num ambiente de serenidade temporal, o pintor batavo nos convida a aprofundar calmamente em cada um dos aspectos da obra. Algo que, sem dúvida, contradiz uma forma de sensibilidade moderna habituada ao consumo sucessivo de imagens fúteis e superficiais, amiúde desenhadas para criar apetências desequilibradas e irrefletidas, que exacerbam as paixões.

O uso de cores complementares – do qual o *marketing* contemporâneo tanto abusa para criar um impacto visual – é apreciado nesta obra nas diversas tonalidades de azul profundo, em perfeito acordo com o complemento de ocre e amarelos napolitanos, discretos e harmônicos, formando um conjunto coeso e temperante, simplesmente admirável.

O quadro foi classificado por muitos como pertencente ao gênero pictórico conhecido como *vanitas*, tema quase olvidado hoje em dia, que convida a refletir sobre a futilidade dos bens temporais, baseando-se no famoso versículo do Eclesiastes: “*Vanitas vanitatum et omnia vanitas* – Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (1, 2).

Transpondo os princípios dos quadros tipo *vanitas* – circunscritos em geral ao âmbito dos *bodegones*, natureza morta em português – para a pintura de gênero, o quadro se apresenta como herdeiro de épocas anteriores, nas quais muitas vezes eram retratados os Novíssimos do homem – morte, juízo, inferno e Paraíso –, trazendo à tona a imortalidade da alma e seu destino final. Não era incomum encontrar, nestes casos, reis e Bispos entre os condenados, ressaltando que, independentemente da condição social, ninguém escapa da justiça divina.

A figura da jovem dama segurando uma balança é alusão ao juízo. Sobre a mesa, observam-se objetos de valor pecuniário: pérolas, metais preciosos e moedas. À sua frente há um espelho, que poderia representar o banal convite à autocontemplanção vaidosa.

Chama a atenção o fato de que, nos pratinhos do aparelho de medição – colocados em assimetria dinâmica –, não se encontra nada visível, o que poderia apontar para a procura de bens espirituais. Teoria confirmada pelo olhar recolhido e sereno do rosto desta “juíza” de aspecto distinto que, com suas mãos finas e calmas, exala humildade e



“Mulher com balança”, por Johannes Vermeer - Galeria Nacional de Arte, Washington

integridade no gesto. Cobrindo-se com modéstia, goza de paz de alma, preferindo os valores eternos aos temporais dispostos sobre a mesa; o autoconhecimento interior ao deleite com sua efêmera beleza refletida no espelho.

Ao fundo, pendurado na parede, nota-se um quadro do Juízo Final, que reafirma a intenção do artista de fazer o espectador entender que a vida ordinária se projeta na eternidade, e que somos pesados e medidos em cada ato de nosso dia a dia. Como esta dama, também somos protagonistas de uma “obra-prima” denominada História, na

qual se entrecrocamos continuamente o bem e o mal, exércitos cujos contendores terminarão, perante o Divino Juiz, como vencedores à direita ou como derrotados à esquerda.

De modo quase místico, críticos como John Michael Montías creem ver inclusive nesta mulher – que parece estar prestes a dar à luz – uma alegoria da própria Maria Santíssima, que simbolicamente, em dimensão mediática, pesa as almas para apresentá-las a Deus, gestando-as em Si para a salvação.

Qualquer que seja a interpretação, o certo é que a meticulosa contemplação

de uma obra de arte desse porte e densidade nos introduz numa elevação meditativa, obrigando-nos a sair da voragem moderna que tantas vezes dá mais valor ao abstrato e confuso, em detrimento do alegórico e luminoso. Ajudando-nos a penetrar na mentalidade que une o cotidiano ao eterno, o mundano ao religioso, o quadro nos oferece um olhar circunspecto, plácido e esplendoroso da vida. ✦

¹ A pintura de gênero é um tipo de obra artística na qual se representam cenas cotidianas em interiores ou exteriores.

Inabalável certeza da vitória

O profeta Isaías é um batalhador e, ao mesmo tempo, um contemplativo da batalha.

Nessa contemplação ele vê os inimigos de Deus avançando por todas as partes e sente o que Nosso Senhor Jesus Cristo disse: “O Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8, 20).

E pensa: “Todos têm um ponto de beneplácito, eu não tenho. Tudo é mal, dor, oposição. Porém, Deus é maior do que todas as investidas”. A certeza da vitória divina está presente. Encontrava-se pronto a prorromper em catilinárias e não tinha pena de si mesmo. Eis a visão do mundo do profeta Isaías.

Plínio Corrêa de Oliveira

